



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO
PARANÁ**
Campus Cornélio Procópio
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO

EVELIN CHAIANE DE SOUZA CARDOSO

PRODUÇÃO TÉCNICA EDUCACIONAL

**EDUCAÇÃO SEXUAL: UM CURSO INTRODUTÓRIO PARA
LICENCIANDOS E LICENCIANDAS EM PEDAGOGIA**

EVELIN CHAIANE DE SOUZA CARDOSO

PRODUÇÃO TÉCNICA EDUCACIONAL

**EDUCAÇÃO SEXUAL: UM CURSO INTRODUTÓRIO PARA
LICENCIANDOS E LICENCIANDAS EM PEDAGOGIA**

**SEXUAL EDUCATION: AN INTRODUCTORY COURSE FOR
LICENSORS IN PEDAGOGY**

Produção Técnica Educacional apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em Ensino
da Universidade Estadual do Norte do Paraná
– *Campus* Cornélio Procópio, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
Ensino.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Priscila Carozza
Frasson Costa

Ficha catalográfica elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UENP

dC268e de Souza Cardoso, Evelin Chaiane
EDUCAÇÃO SEXUAL: UM CURSO INTRODUTÓRIO PARA
LICENCIANDOS E LICENCIANDAS EM PEDAGOGIA / Evelin
Chaiane de Souza Cardoso; orientadora Priscila
Caroza Frasson Costa - Cornélio Procópio, 2021.
81 p. :il.

Produção Técnica Educacional (Mestrado
Profissional em Ensino) - Universidade Estadual do
Norte do Paraná, Centro de Ciências Humanas e da
Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino, 2021.

1. Curso de Pedagogia. 2. Educação Sexual. 3.
Formação inicial. 4. Saberes docentes. 5.
Sexualidade. I. Caroza Frasson Costa, Priscila ,
orient. II. Título.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Acessar o Google	26
Figura 2 - Navegar em Google Apps e selecionar a ferramenta "Meet"	26
Figura 3 - Clicar em “nova reunião” para gerar um link ou em, em caso de já ter o link da reunião, clicar na opção “digite um código ou link”	27
Figura 4 - Acessar o Google	28
Figura 5 - Navegar em Google Apps e selecionar a ferramenta “Google Sala de Aula”	28
Figura 6 - Clicar em participar da turma	29
Figura 7 - Clicar em código da turma	29
Figura 8 - Mural do curso.....	30
Figura 9 - Apresentação do curso	31
Figura 10 - Ambientação do primeiro encontro.....	31
Figura 11 - Ambientação do segundo encontro.....	32
Figura 12 - Ambientação do terceiro encontro.....	32
Figura 13 - Ambientação do quarto encontro	33
Figura 14 - Ambientação do quinto encontro.....	33
Figura 15 - Apresentação do curso	37
Figura 16 - Definição de Educação Sexual.....	38
Figura 17 - Definição de sexualidade	38
Figura 18 - A sexualidade no contexto escolar	39
Figura 19 - Apresentação da atividade	40
Figura 20 - Modelo do corpo humano nu.....	41
Figura 21 - Modelo corpo humano com as nomenclaturas científicas	42
Figura 22 - Apresentação da atividade	43
Figura 23 - Modelo da caixinha	44
Figura 24 - Apresentação do artigo	46
Figura 25 - Apresentação do artigo	47
Figura 26 - Apresentação da atividade	48
Figura 27 - Modelo de brinquedos que poderão ser utilizados para a atividade	50
Figura 28 - Modelo de cartazes com os nomes dos brinquedos	50
Figura 29 - Apresentação da atividade	51
Figura 30 - Modelo do jogo “charadas do corpo humano”	55

Figura 31 - Apresentação do artigo	57
Figura 32 - Apresentação dos objetivos	57
Figura 33 - Principais formas de abuso	58
Figura 34 - Papel da escola em relação à temática.....	58
Figura 35 - Apresentação da atividade	60
Figura 36 - Apresentação da atividade	60
Figura 37 - Modelo de caixinha com espelho e livro “Meu corpo, meu corpinho”	62
Figura 38 - Apresentação do jogo	63
Figura 39 - Livro “Pipo e Fifi”	64
Figura 40 - Capa do Jogo	65
Figura 41 - Instruções e Regras do jogo Trilha da Proteção	66
Figura 42 - Molde dos personagens e do dado que será utilizado no jogo	67
Figura 43 - Tabuleiro do jogo.....	67
Figura 44 - Cartas/perguntas do jogo	68
Figura 45 - Cartas/perguntas do jogo	68
Figura 46 - Modelo de jogo trilha da proteção montado	69
Figura 47 - Apresentação do capítulo de livro	71
Figura 48 - Apresentação da atividade	72
Figura 49 - Modelo da caixinha das curiosidades.....	73

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro 1 - Resumo do primeiro encontro	34
Quadro 2 - Resumo do segundo encontro	34
Quadro 3 - Resumo do terceiro encontro	35
Quadro 4 - Resumo do quarto encontro	35
Quadro 5 - Resumo do quinto encontro	36
Quadro 6 - Atividade escrita	45
Quadro 7 - Orientações e regras do jogo	52
Quadro 8 - Perguntas e respostas do jogo	53
Quadro 9 - Atividade escrita	56
Quadro 10 - Atividade escrita	70
Quadro 11 - Atividade escrita	74
Quadro 12 - Atividade final	74
Quadro 13 - Modelo de avaliação do curso de formação em Educação Sexual	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASI	Abuso Sexual Infantil
ES	Educação Sexual
ESE	Educação Sexual Emancipatória
EB	Educação Básica
EI	Educação Infantil
EF	Ensino Fundamental

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	9
1.1 ABORDAGEM EMANCIPATÓRIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL	9
1.2 SABERES DOCENTES E SABERES DA EDUCAÇÃO SEXUAL EMANCIPATÓRIA	11
1.3 A EDUCAÇÃO SEXUAL E A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES	16
1.4 TEMAS ABORDADOS NO CURSO DE FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL	17
1.4.1 Introdução à Educação Sexual na Infância	17
1.4.2 Gênero na Infância	19
1.4.3 Abuso Sexual Infantil	21
1.4.4 Relação Família e Escola na Educação Sexual	23
2 PRODUÇÃO TÉCNICA EDUCACIONAL	25
2.1 COMO ACESSAR O GOOGLE MEET	25
2.2 COMO ACESSAR E APRESENTAÇÃO DA AMBIENTAÇÃO DO CURSO NO GOOGLE CLASSROOM	27
2.3 DETALHAMENTO DOS ENCONTROS	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	77

INTRODUÇÃO

Esta Produção Técnica Educacional trata-se de um curso introdutório em Educação Sexual desenvolvido para licenciandos e licenciandas de um curso de Pedagogia, de uma Universidade Estadual do Paraná. A pesquisa desenvolvida buscou responder à seguinte questão norteadora: Quais aproximações podemos estabelecer entre os saberes docentes e os “saberes¹” da Educação Sexual Emancipatória, por meio de um curso formativo em que ideias foram mobilizadas e construídas por licenciandos e licenciandas em Pedagogia?

À vista do exposto, é oportuno mencionarmos que a resposta para a questão norteadora desta pesquisa, bem como o delineamento dos objetivos traçados estão apresentados na dissertação intitulada “A Educação Sexual e o curso de Pedagogia: uma proposta introdutória para licenciandos e licenciandas” a qual acompanha esta produção².

Este material encontra-se dividido em dois capítulos:

No capítulo 1, apresentamos a Fundamentação Teórico-Metodológica, a qual apresenta aspectos referentes à Educação Sexual e aos saberes docentes, os quais são objetos centrais da pesquisa desenvolvida para licenciandos e licenciandas em Pedagogia. Também neste capítulo, abordamos o referencial teórico de cada uma das temáticas ofertadas no curso introdutório em Educação Sexual.

No capítulo 2, apresentamos a Produção Técnica Educacional intitulada “Educação Sexual: um curso introdutório para licenciandos e licenciandas em Pedagogia”, e a ambientação do curso desenvolvido. Em seguida, detalhamos as etapas e sequência de atividades trabalhadas com os licenciandos e as licenciadas em Pedagogia.

Para finalizar, realizamos algumas considerações finais pertinentes à Produção Técnica Educacional.

Desejamos uma boa e produtiva leitura a todos e todas!

¹Disponível em <http://www.uenp.edu.br/mestrado-ensino>.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Neste capítulo apresentamos o referencial teórico da abordagem Emancipatória da Educação Sexual, ressaltando em que aspectos esta se diferencia da abordagem Pedagógica. Em seguida, versamos acerca dos saberes docentes e dos “saberes³” da Educação Sexual em uma perspectiva Emancipatória, acerca da relação entre a Educação Sexual e a formação inicial de professores, bem como, acerca das temáticas que este curso contemplou, sendo elas: Introdução à Educação Sexual na Infância, Gênero na Infância, Abuso Sexual Infantil e Relação Família, e Escola na Educação Sexual.

1.1 ABORDAGEM EMANCIPATÓRIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Em nossa pesquisa, adotamos a abordagem Emancipatória da Educação Sexual. Nesse sentido, é importante pontuar que Goldberg (1984) propôs inicialmente a abordagem, ressaltando a importância da participação nas lutas de transformação dos padrões sexuais, o que exige autonomia, participação em lutas coletivas e denúncia, e produção de alternativas concretas.

Ainda nas palavras de Goldberg (1984), para que a Educação Sexual consiga realmente contribuir para uma mudança nos padrões de relacionamento sexual, é necessário que sejam mobilizadas três importantes lutas: I) Luta contra a desigualdade social – trata-se da luta contra o princípio da assimetria sexual, na qual o homem possui mais desejo sexual do que a mulher (luta pelo direito da mulher ao controle do próprio corpo); II) Luta contra a violência sexual – trata-se da luta contra a violência aprendida, isto é, de que mulher nasceu para apanhar e, por isso, o homem deve bater nela (luta contra a violência impune); III) Luta contra o preconceito sexual – trata-se da luta contra o autoritarismo, contra o estigma sofrido por pessoas LGBTTT⁴ e demais pessoas

² Utilizamos aspas nesta terminologia pois, ao contrário da obra de Tardif (2014), a Educação Sexual não possui saberes específicos relacionados à sexualidade. Consideramos como “saberes” da Educação Sexual, os elementos que integram a abordagem emancipatória referente à sexualidade humana, por ser a abordagem que adotamos. Contudo, há de se considerar que as demais abordagens também contêm os seus saberes.

³ Sigla utilizada para representar Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (FIGUEIRÓ, 2010).

que fujam do que é considerado como regra sexual (luta para que haja aceitação das diferenças e respeito pelas minorias).

É importante ressaltar que há também a abordagem Pedagógica, a qual preocupa-se com o desenvolvimento sadio da sexualidade. A abordagem Pedagógica, salienta a importância de as escolas valorizarem os sentimentos, discussões, atitudes e valores referentes à sexualidade, valorizando seus aspectos informativos e formativos (FIGUEIRÓ, 2010).

Desse modo, um educador sexual comprometido com a Abordagem Pedagógica da Educação Sexual valoriza os aspectos informativos referentes à sexualidade, tais como: métodos contraceptivos, IST, gravidez, entre outros, e formativos, de modo que os alunos e alunas possam discutir abertamente sobre tabus, sentimentos, emoções, preconceitos, atitudes e valores relacionados à sexualidade. Além disso, importa-se com o processo de ensino e aprendizagem referente à conteúdos relacionados com a sexualidade (FIGUEIRÓ, 2010).

Como forma de exemplificar em que aspectos a Abordagem Emancipatória se destaca positivamente, em relação à abordagem Pedagógica, trazemos uma questão muito pertinente indagada por Figueiró (2010, p. 137):

[...] como pode viver plenamente sua sexualidade uma mulher bem informada e consciente de seus direitos e da importância do prazer sexual, se está inserida numa cultura marcada pelo machismo, pela desigualdade sexual e pelo duplo padrão de moral sexual?.

Percebemos, desta forma, que ao contrário da Abordagem Pedagógica, que procura somente favorecer uma vivência positiva pessoal da sexualidade em cada indivíduo, a Abordagem Emancipatória não possui como foco a formação sexual isolada, mas enfatiza a importância da participação em lutas coletivas para a transformação dos valores e das normas sociais relacionadas à sexualidade.

Inclusive, a Abordagem Emancipatória da Educação Sexual, como já enfatizado, valoriza as mudanças de valores, atitudes e preconceitos sexuais, de forma que os indivíduos se libertem de pré-julgamentos e alcancem a realização sexual para que vivenciem a sexualidade com responsabilidade, liberdade e alegria (FIGUEIRÓ, 2010).

1.2 SABERES DOCENTES E SABERES DA EDUCAÇÃO SEXUAL EMANCIPATÓRIA

Considerando que o objetivo dessa pesquisa foi investigar se houve aproximação entre os saberes docentes e os saberes da Educação Sexual Emancipatória por meio das atividades realizadas pelos licenciandos e licenciandas durante o curso introdutório e explicitá-las, achamos oportuno apresentar, por analogia, os saberes docentes articulados aos saberes da Educação Sexual Emancipatória. Portanto, apresentaremos os conceitos dos saberes docentes, paralelamente aos conceitos da Educação Sexual Emancipatória.

Saberes da formação profissional – Para Tardif (2014, p. 36) os saberes da formação profissional correspondem ao “conjunto de saberes transmitidos⁵ pelas instituições de formação de professores, isto é, escolas normais ou faculdades de ciências da educação”. Os saberes profissionais dos professores são, portanto, plurais, compósitos, heterogêneos, pois apresentam, no exercício da profissão docente, conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber-ser dos professores (TARDIF; RAYMOND, 2000).

Saberes da formação profissional em uma perspectiva Emancipatória da Educação Sexual – Correspondem aos “saberes” que valorizam a sexualidade atrelada às lutas sociais, tais como a luta contra a opressão, discriminação e violência. Desse modo, os saberes da Educação Sexual Emancipatória valorizam ações formativas que tenham como característica o compromisso com as transformações sociais por meio da “aceitação das diferenças, o respeito pela minoria e o combate a toda situação de opressão e de violência sexuais” (FIGUEIRÓ, 2009).

À vista disso, compreendemos que a formação inicial de professores deve “favorecer a aproximação dos conhecimentos científicos para

⁵ Justificamos que esse termo é utilizado por Tardif (2014), por isso foi utilizado nesta citação. Entretanto, ressaltamos que não utilizamos esta terminologia em nosso trabalho, pois compreendemos que se trata de um modelo teórico de educação da pedagogia tradicional. Na tendência tradicional, o(a) professor(a) é visto como transmissor do conhecimento e o(a) aluno(a) como um agente passivo. Não partilhamos deste pensamento pois acreditamos que o(a)s aluno(a)s devem participar ativamente dos processos de construção de ensino e aprendizagem e o(a)s professores tem o papel de orientar a aprendizagem desses alunos.

uma atuação crítica e para a transformação social, visando à educação para a cidadania” (FRASSON-COSTA, 2012, p. 52).

Analogias entre os Saberes da formação profissional e os Saberes da Educação Sexual Emancipatória - Considerando os conceitos apresentados, podemos dizer que uma das principais contribuições das Universidades é formar professores e professoras que compreendam a importância de a Educação Sexual Emancipatória ser discutida na escola. Isso pode ser realizado tanto por meio de reuniões, discussões ou grupos de estudo, quanto por meios de comunicação, tais como a mídia (ANAMI; FIGUEIRÓ, 2009).

De acordo com Figueiró (2018), é grande o despreparo dos educadores para abordar, com alunos e alunas, uma temática que não estudaram em sua formação inicial. Nesse viés, é necessário que os estudantes de licenciaturas vivenciem o processo de reeducação sexual, de forma planejada, para que assim estejam em condições propícias para educar sexualmente crianças, jovens e adultos (FIGUEIRÓ, 2018).

Saberes disciplinares – Estes saberes se incorporam à prática docente por meio da formação inicial e/ou contínua dos professores, por meio de disciplinas oferecidas pelas Universidades em diversos cursos e emergem da tradição cultural e dos grupos sociais produtores de saberes (TARDIF, 2014).

Saberes disciplinares em uma perspectiva Emancipatória da Educação Sexual – A abordagem Emancipatória da Educação Sexual em disciplinas necessita “desalojar certezas, desafiar debates e reflexões, posturas fundamentais na busca do desenvolvimento pessoal do ser humano como um ser corporificado, sexuado, contribuindo na busca de cidadania para todos” (MELO *et al.*, 2011, p. 49).

Analogias entre os saberes disciplinares e os saberes da Educação Sexual Emancipatória – Figueiró (2001) enfatizou que as disciplinas de graduação e pós-graduação podem ser promissoras para estudos, articulações e reflexões referentes a Educação Sexual, pois elas poderão ser um meio eficaz para promover a reeducação sexual das pessoas.

Em uma escrita mais recente, Figueiró discorreu que professores e professoras “educam pela forma de agir, de ensinar sua própria matéria (ou disciplina), qualquer que seja ela, e pela forma de se relacionar com

os alunos e com colegas de trabalho” (FIGUEIRÓ, 2018, p. 223). Desse modo, compreendemos a necessidade que há em os saberes disciplinares, das Universidades, contemplarem a Educação Sexual em uma perspectiva Emancipatória.

Saberes curriculares – Tardif (2014) escreveu que esses saberes são apresentados em forma de programas escolares, os quais os professores devem aprender e aplicar em sua prática. O autor conceitua ainda que os saberes curriculares “correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais por ela definidos e selecionados como modelos da cultura erudita” (TARDIF, 2014, p. 38).

Saberes curriculares em uma perspectiva Emancipatória – Figueiró (2001) escreveu que se a Educação Sexual for vista no currículo, como forma de amenizar os problemas sociais, isso poderá intervir no sentido que os educadores e as educadoras poderão oferecer ao seu trabalho e, por conseguinte, nos resultados a serem alcançados.

Analogias entre os saberes curriculares e os saberes da Educação Sexual Emancipatória – Grande parte dos conhecimentos sobre à sexualidade são apresentados, em sala de aula, de forma meramente biológica e sem envolvimento com o compromisso emancipatório de transformação da sociedade. Em relação a isso, Carvalho (2009) escreveu que tais ações são enraizadas historicamente no discurso médico-biológico, o qual valoriza abordagens de anatomia, reprodução humana e regem a sexualidade por meio de discursos de respaldo científico. Como resultado, são aplicadas nas escolas somente ementas e propostas curriculares com vistas à prevenção da saúde sexual por meio do uso de métodos contraceptivos e conscientização das IST.

Apesar da importância dos conteúdos reprodutivos e da anatomia humana, é necessário ainda que os currículos escolares abordem, também, outros saberes importantes para a vivência da sexualidade, tais como as questões de gênero, orientação sexual e violência sexual. Nessa perspectiva, Goldberg (1988 *apud* FIGUEIRÓ, 2010, p. 152) pontuou que “a luta contra a violência sexual é uma das importantes lutas que fazem da Educação Sexual um processo permanente e de efeito transformador dos padrões de relacionamento sexual”.

Nesse viés, é importante que os saberes curriculares contemplem abordagens que visem a transformação dos padrões de vivência sexual, visto que “independentemente da existência curricular de uma educação sexual escolar formal, a sexualidade estará sempre presente no ambiente escolar” (JOCA; SANTOS 2020, p. 10).

Saberes experienciais – Estes saberes se originam de diversas fontes, tais como da formação inicial e continuada dos professores, currículo e socialização escolar, conhecimento das disciplinas a serem ensinadas, experiência profissional, entre outros (TARDIF, RAYMOND, 2000). Assim, os professores e professoras “desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados” (TARDIF, 2014, p. 39).

Saberes experienciais em uma perspectiva Emancipatória da Educação Sexual – Na perspectiva de Melo *et al.* (2011, p. 29) os conceitos, crenças, vivências e práticas sexuais são frutos de uma “construção sócio-histórica determinada e determinante”. Por isso, muitos tabus e preconceitos são resultado de experiências negativas perpassadas de geração em geração, as quais concebem o sexo e a sexualidade como algo proibido e negativo. Na perspectiva de Figueiró (2010) um dos principais objetivos da Educação Sexual Emancipatória é o resgate do gênero e do erótico na vida dos indivíduos. Nessa perspectiva:

[...] pode-se dizer que resgatar o erótico implica encarar a sexualidade como algo bonito e bom na vida das pessoas, lutando por eliminar a visão que tem predominado: a de algo “sujo”, “feio” e “vergonhoso”, assim como a visão de que é um assunto do qual não se deve falar (FIGUEIRÓ, 2010, p. 130-131).

Para que os indivíduos possam ter experiências positivas em relação a sexualidade, é necessário que os mesmos façam o resgate ao gênero e ao erótico, pois assim terão consciência da importância que há nas lutas pelas transformações sociais.

Analogias entre os saberes experienciais e os saberes da Educação Sexual Emancipatória – Na perspectiva de Melo *et al.*, (2011), é por meio da sociedade e/ou da cultura que atribuímos significados às nossas

experiências sexuais. Deste modo, é importante que as licenciaturas e as escolas proporcionem experiências positivas a respeito da sexualidade, para que os alunos, as alunas, os professores e as professoras possam defender uma Educação Sexual Emancipatória visando as transformações sociais.

Assim como os saberes profissionais são relacionados à identidade, as experiências e história profissionais dos professores e das professoras, do mesmo modo, os saberes, as crenças e convicções que os indivíduos possuem relacionados à sexualidade também estão relacionados às experiências que estes tiveram com a temática, podendo esta ser positiva ou negativa. Sendo assim, é fundamental que as instituições de ensino, favoreçam conhecimentos a respeito da sexualidade de forma positiva e emancipatória.

Na perspectiva dos saberes docentes o professor ideal é:

[...] alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático e baseado em sua experiência cotidiana com seus alunos (TARDIF, 2014, p. 39).

À vista disso, para que professores e professoras se tornem o que Tardif (2014) denomina de professor ideal, é necessário que estes estabeleçam relações com os saberes da formação profissional, saberes disciplinares, curriculares e experienciais. Em outra perspectiva, no ponto de vista dos saberes da Educação Sexual Emancipatória, pode-se dizer que o professor e a professora ideal é alguém que:

[...] saiba identificar problemas sociais presentes no cotidiano escolar, causados pelos conflitos de poder e das desigualdades geradas pelas diferenças (culturais ou biológicas), investigando a origem e as bases que constroem essas adversidades, buscando suporte na ciência, com o propósito de integrar e equivaler os vários segmentos sociais (grupos sociais), propondo soluções didático-pedagógicas que visem a superação das desigualdades e a promoção da diversidade humana como algo inerente e natural (VITOR, MAISTRO, ZÔMPERO, 2020, p. 293).

Diante do referido referencial teórico, inferimos que a correlação entre os diferentes saberes é essencial para que os licenciandos e as

licenciandas tenham uma formação inicial robusta e, futuramente, uma prática docente exitosa.

1.3 A EDUCAÇÃO SEXUAL E A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Considerando a graduação em Pedagogia investigada nesta pesquisa e as lacunas na formação inicial de professores e professoras em relação à temática da Educação Sexual, consideramos pertinente a escrita de Bonfim (2010, p. 31):

A complexidade de desenvolvimento real do tema da Educação Sexual parece indicar uma deficiência na forma como os professores têm sido formados nas universidades em suas respectivas Licenciaturas ou espaço de formação inicial em sua graduação.

A escola, que seria um local propício para discutir a respeito da sexualidade, acaba sendo um espaço vazio, obstando debates, estudos e pesquisas sobre a Educação Sexual. De acordo Bartacevicius e Miranda (2019, p. 162):

Se os cursos de licenciatura não têm preparado os professores para trabalharem os conceitos de Educação Sexual com seus alunos, a formação continuada e a experiência cotidiana do docente têm sido o remédio encontrado por muitos professores para suprir essa deficiência. Solução, porém, que não é suficiente, pois tal medida atinge somente os professores que se propõem a esses estudos, enquanto os demais professores optam por não falar sobre esse tema ou por falar a partir de suas experiências e valores pessoais.

É necessário que os estudos referentes à sexualidade sejam favorecidos aos licenciandos e as licenciandas, de forma a abranger conceitos teórico-metodológicos que venham ao encontro das necessidades formativas dos mesmos. Segundo o entendimento de Abramovay, Castro e Silva (2004, p. 38-39):

[...] o estudo do corpo é delegado ao campo da biologia, sendo que os professores das demais áreas se eximem de quaisquer responsabilidades no que concerne à educação sexual dos

alunos ainda que essa, subliminarmente, se realize por comentários, observações e até por silêncios quando situações consideradas sexualizadas ocorrem ou preconceitos se materializam em *brincadeiras* e por outras expressões.

Nesse aspecto, é importante que ocorram formações pedagógicas em Educação Sexual e que estas perpassem as informações biológicas, de forma que todos os professores e professoras possam abordá-la de forma plural, integrando-a a sua área de conhecimento. Benites (2006, p. 92), em sua dissertação de mestrado intitulada “Educação sexual e formação docente: um estudo a partir de concepções docentes”, enfatizou que:

Se a graduação deixa lacunas na formação docente, as implicações irão se refletir numa prática em que reinará o despreparo para abordar uma educação sexual livre de interditos que ainda estão presentes no cotidiano da sociedade brasileira. Em consequência estarão educando indivíduos com as mesmas dificuldades. Para romper com isto, acredita-se que um dos meios é investir na melhoria da formação inicial (na graduação) e na formação continuada dos docentes.

Essa escrita nos possibilita refletir sobre uma realidade ainda presente nos dias atuais: professores e futuros professores despreparados para abordar a Educação Sexual e a sexualidade com seus alunos e alunas. O caminho para a mudança deste cenário encontra-se na introdução de conteúdos e disciplinas que estudem a sexualidade.

1.4 TEMAS ABORDADOS NO CURSO DE FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL

1.4.1 Introdução à Educação Sexual na Infância

De acordo com Figueiró (2014), a Educação Sexual pode ser definida como toda ação de ensino e aprendizagem referente à sexualidade humana, seja em nível de conhecimentos de informações básicas, seja em nível de conhecimentos a respeito de valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual.

Ribeiro (2005) escreveu que a Educação Sexual envolve toda a educação recebida pelos indivíduos a respeito de concepções, valores e normas

sexuais. À vista disso, o autor escreveu que a Educação Sexual é decorrente dos processos culturais e da influência dos comportamentos e atitudes sexuais dos indivíduos. Silva (2015, p. 20) definiu a Educação Sexual como sendo:

[...] toda ação contínua, em um processo de interação humana pelo qual, inserido em uma cultura, uma história e uma política, nos leva a pensar na construção de um sujeito ativo frente às informações, aos desejos, às necessidades básicas sobre seu corpo, seu funcionamento e organização. Assim, tal sujeito pode dialogar, ter voz ativa e poder expressar suas opiniões, respeitando as opiniões do outro e significativamente percebendo a sexualidade como algo positivo em sua vida, sem medos, tabus e/ou receios.

Desse modo, a Educação Sexual permite que os indivíduos reflitam e expressem suas opiniões, respeitando também as opiniões dos outros em relação à sexualidade. Ademais, a Educação permite que os indivíduos enxerguem a sexualidade com uma visão positiva e como necessária para a sociedade no combate aos tabus e preconceitos existentes.

Maistro (2009) escreveu que a sexualidade se trata de um caminho para a formação da cidadania. Destarte, abordar sobre a sexualidade envolve “revisar conceitos, superar preconceitos e estereótipos, olhar reflexivamente sobre a própria sexualidade, lidar com tabus, medos, vergonhas. Tudo isso não é nada fácil!” (MAISTRO, 2009, p. 38).

A formação de professores é uma forma de envolvimento com a Educação Sexual, entretanto, esta formação possui grandes responsabilidades. Na perspectiva de Leão (2009, p. 102):

[...] é preciso na conjuntura educacional contemporânea, que tem sido marcada por inovações, ponderar acerca da formação dos professores, assunto este de vital necessidade por ser este o pilar da educação, profissional de vital importância no cenário escolar, pois atua diretamente com os alunos em sala de aula.

É perceptível a necessidade da formação de professores, pois para que estes abordem a Educação Sexual em sala de aula, é importante que estejam munidos de conhecimentos científicos referentes à sexualidade. Nesse ínterim, é oportuno esclarecer que, independentemente de os professores e as professoras terem ou não uma formação na temática, é necessário que estes

compreendam que “cabe sim à escola a responsabilidade pela Educação Sexual dos alunos, mesmo até nos casos em que estes tenham, na família, uma Educação Sexual positiva” (FIGUEIRÓ, 1998 *apud* FIGUEIRÓ, 2014, p. 319).

1.4.2 Gênero na Infância

Questões relacionadas ao Gênero são debatidas frequentemente nas diferentes sociedades e os diálogos acompanham tabus e muitos preconceitos relacionados ao que é ser “homem” e o que é ser “mulher”. Nos atemos às definições pertinentes à cultura ocidental, a qual estamos inseridos. Cabe ressaltarmos a definição de Bonfim (2010, p. 174) sobre Gênero:

Podemos dizer que, gênero é o que “determina” aquilo que culturalmente seriam características do ser “masculino” e do “feminino”: forma física, anatomia, maneira de se vestir, falar, gesticular, enfim, as atitudes, comportamentos, valores e interesses de cada gênero (lembrando que essas características são designadas pela sociedade culturalmente dominante).

Em meio a diversidade de Gênero, engana-se quem pensa que a sociedade mudou a sua forma de enxergar a diversidade, pois a sociedade ainda enraíza o padrão estabelecido há dezenas de anos, no qual “as mulheres tinham como incumbência fazer do lar, por mais modesto que fosse, um espaço limpo e organizado, repleto de felicidade para que os filhos e marido tivessem saúde e cuidados” (MALUF; MOTT, 1998 *apud* SANTOS, 2009, p. 3), descartando as demais formas de função e de Gênero.

O cenário hierárquico na qual os homens tendem a ser elevados em maior nível do que as mulheres são reproduzidos em diversos ambientes, entre eles, na escola. Nesse sentido, é comum observar em crianças e adolescentes a reprodução de comentários sexistas, definindo quais são as funções, profissões, cores e demais apetrechos de “homens” e de “mulheres”.

Estas situações estão embutidas nos cenários escolares, por meio de falas aparentemente inofensivas, mas que no fundo estão rebaixando a figura feminina e enaltecendo a figura masculina (BONFIM, 2012). Podemos dizer que:

Historicamente fomos condicionados a acreditar que homens e mulheres têm papéis distintos na sociedade. As cores diversas que um e outro podem usar, a maneira própria como cada um deve se comportar, as brincadeiras e os brinquedos vistos como “de menino” e de “menina”, os direitos desiguais que cada um possui, a forma diferente como são educados. Embora tenha havido avanços nesse sentido, o fato é que ainda existem muitos preconceitos que precisam ser superados. Ainda impera a visão de que homens e mulheres têm que agir de maneira social e subjetivamente distinta (BONFIM, 2012, p. 40).

A escrita de Bonfim (2012) mostra com clareza o quanto as desigualdades e preconceitos de Gênero estão inseridos na sociedade, em todas as culturas, e o quanto estes se manifestam de formas aparentemente sutis, instalando-se no cotidiano dos indivíduos sob forma de reproduções aparentemente “normais”.

Cabe aos profissionais da área da educação perceberem as situações nas quais os alunos e as alunas estão reproduzindo preconceitos de Gênero e combatê-los, de forma a desmistificar pensamentos sexistas de que homens e mulheres, meninas e meninos já têm funções, cores, profissões, entre outros, definidos na sociedade.

Em razão disso, é importante ressaltar que muitas escolas ignoram o fato de haver sujeitos que fogem do padrão considerado como “normal”, ou seja, pessoas que por ventura desconfigurem o gênero binário masculino e feminino. Destarte, entendemos que seria importante que a escola respeitasse as diferenças.

É perceptível a falta de aceitação às diferenças quando crianças, da Educação Infantil (EI) e anos iniciais do Ensino Fundamental (EF), demonstram interesse em brinquedos e demais objetos que não são considerados de “menina” ou de “menino”. Nesse aspecto, Vianna e Finco (2009, p. 269) escreveram que:

As preferências não são meras características oriundas do corpo biológico, são construções sociais e históricas. Portanto, não é mais possível compreender as diferenças entre meninas e meninos com explicações fundadas na teoria do determinismo biológico e seu uso consequente da anatomia e da fisiologia como justificativas para as relações e as identidades de gênero na sociedade moderna.

Nesse viés, percebe-se que a biologia não é um fator determinante para justificar as identidades de Gênero de meninos e meninas, portanto a escola deve ser um local de valorização das diferenças e não o contrário. À vista disso, “gênero remete, então, à dinâmica de transformação social, aos significados que vão além dos corpos e do sexo biológico e que subsidiam noções, ideias e valores nas distintas áreas da organização social” (VIANNA; FINCO, 2009, p. 269).

1.4.3 Abuso Sexual Infantil

De acordo com Platt *et al.* (2018) o Abuso Sexual Infantil sucede quando uma criança é submetida à atos sexuais que não possa compreender, com o qual ela tem o desenvolvimento incompatível e que viole as leis e regras da sociedade. Estudos publicados por Neves *et al.* (2010); Habigzang; Ramos; Koller (2011); Platt *et al.* (2018), indicaram que as estatísticas de violências e Abusos Sexuais tem sido cada vez mais frequentes nas diferentes sociedades ocidentais e ainda, para agravar a situação, muitos abusos ocorrem contra crianças e adolescentes provenientes de pessoas próximas a elas.

Eis então a necessidade de a escola envolver-se com (in)formações e formas de auxiliar na prevenção dessas ocorrências. Nesse sentido, é importante que futuros professores e futuras professoras estejam melhor preparados para agir nessas situações, pois o Abuso Sexual é uma realidade que invade a vida de crianças e adolescentes vulneráveis e sem informações necessárias sobre como se proteger dessa situação. De acordo com Figueiró (2018, p. 117):

É função dos adultos responsáveis pela educação das crianças e adolescentes a prevenção do abuso sexual, explicando-lhes, desde a idade de 3 ou 4 anos, aproximadamente, que é importante cuidar de nosso corpo e que não se pode deixar uma pessoa maior tocar em suas partes íntimas, que são a nádega (ou bom bum, ou bunda), o pênis (ou pipi, ou pinto...), a vulva (ou a xexeca, ou a pombinha...) e o seio (ou peitinho). É bom usar, também, apelidos que as crianças conheçam. Devemos esclarecer, de forma direta, que as crianças não podem deixar que pessoas maiores ou mais velhas, sejam mulher ou homem, deem beijo em sua boca ou passem a mão em suas partes íntimas.

Nessa vertente, é importante frisar que tais cuidados e orientações citados pela autora são essenciais para a diminuição de incidências de casos de Abusos Sexuais com crianças e adolescentes. De acordo com Oliveira e Miranda (2013, p. 8), o Abuso Sexual interfere diretamente na aprendizagem de crianças e adolescentes, desse modo:

[...] a identificação na escola deve ser atenta e rápida, para que o encaminhamento ao/à psicopedagogo/a e psicólogo/a, entre outros/as especialistas, seja efetivo e no trabalho conjunto possam tratar das consequências emocionais e as possíveis dificuldades de aprendizagem, apoiando o trabalho do/a professor/a.

Assim, é necessário que a escola valorize o trabalho da Educação Sexual, de forma que alunos e alunas tenham conhecimentos sobre o seu corpo e sobre o Abuso Sexual, como forma de enfrentamento dessa violência.

Assim sendo, é importante que os professores e professoras tomem cuidado em relação a como tem se referido às partes íntimas, pois é necessário que seja explicado corretamente aos alunos e as alunas como são nominadas e onde se localizam as partes íntimas. O uso de palavras como: “não deixe ninguém tocar em suas partes íntimas” ou “não deixe tocar no seu corpo” é muito vago para uma criança, pois ela ainda não consegue associar a que partes o adulto está se referindo. Nesse sentido, Figueiró (2018, p. 125) apontou:

Na maioria dos materiais didáticos, no lugar dos termos: órgãos sexuais e/ou pênis e vulva, a palavra corpo é adotada ou, ainda, as palavras: partes íntimas, sem esclarecimentos do que sejam. Mesmo em se tratando de prevenção ao abuso sexual infantil, permanecem os tabus relacionados ao corpo, em especial aos órgãos sexuais.

O fato é que os próprios autores de livros, vídeos e materiais didáticos fazem o uso de termos relacionados a Educação Sexual de forma equivocada, ocultando o que de fato compõe os órgãos sexuais (FIGUEIRÓ, 2018). Escreveu Figueiró (2018, p. 126):

É preciso que nos esforcemos para superar a dificuldade na pronúncia dos órgãos sexuais e o medo de possíveis

implicações/reações negativas, para que consigamos fazer a prevenção de maneira direta, objetiva e em tempo hábil.

Deste modo, é fundamental que as escolas insiram a Educação Sexual em sala de aula, de modo a formar os alunos e alunas para conhecerem seu corpo a formas de prevenir o Abuso Sexual.

1.4.4 Relação Família e Escola na Educação Sexual

Abordar a Educação Sexual é um dos maiores desafios da área da educação, uma vez que esbarra em temas que são encarados com reticências pela sociedade como um todo. Um dos principais temores da escola ao abordar a temática são as reações que poderão surgir dos pais dos alunos e das alunas.

É importante que os profissionais da área da educação proporcionem diálogos e/ou intervenções com os pais, por meio de reuniões e palestras escolares que os informem os conteúdos, referentes à sexualidade, que serão abordados e desenvolvidos os alunos e alunas no espaço escolar.

As intervenções para os pais visam informá-los sobre o trabalho realizado com os filhos. Muitos pais temem que a educação sexual contestará os valores morais, religiosos da família e que serão indicados caminhos contrários e estes valores, com a preconização de uma suposta liberdade sexual, ou melhor, “libertinagem” dos costumes. Deve ficar claro que o educador não imporá regras de conduta, mas tampouco não impedirá que os educandos expressem suas preocupações, suas aspirações e desejos, deixando-os livres de [para] fazerem suas opções e assumi-las plenamente (WEREBE, 1998 *apud* FIGUEIRÓ, 2018, p. 139).

O intuito da abordagem da Educação Sexual é contribuir com a formação de alunos e de alunas que muitas vezes se veem cercados de dúvidas a respeito de seu corpo, e a escola pode ser que seja o único local no qual muitos têm oportunidade de ter uma formação em sexualidade. De forma responsável e organizada, é oportuno que a escola “ofereça um espaço de reunião onde os pais possam se informar sobre objetivos, conteúdos e procedimentos do projeto de Orientação Sexual, e esclarecer dúvidas sobre a metodologia utilizada” (PERES *et al.*, 2000 *apud* FIGUEIRÓ, 2018, p. 139).

Assim, é relevante que haja uma interação entre a família e a escola para a abordagem da Educação Sexual (in)formativa e emancipatória, pois “o cuidado com a interação família-escola é fundamental, tanto no início, quanto no decorrer de todo o trabalho” (FIGUEIRÓ, 2018, p. 140).

Ademais, se os pais das crianças e dos adolescentes sentirem a necessidade de compreender quais assuntos os professores estão abordando com seus filhos em sala de aula, eles poderão, e devem, frequentar reuniões com os gestores e os professores da escola (FIGUEIRÓ, 2018, p. 141).

O fato é que mesmo com todos os cuidados e precauções dos professores para abordar o assunto, poderão ocorrer situações de tabus e preconceitos por parte da família ou até mesmo dos alunos e das alunas, pois estes tendem a ser reproduzidos. Entretanto, “quando acreditamos no trabalho que fazemos, e quando o fazemos com dedicação e seriedade, saberemos contornar os incidentes com segurança e crescer com a situação” (FIGUEIRÓ, 2018, p. 141).

2 PRODUÇÃO TÉCNICA EDUCACIONAL

A Produção Técnica Educacional é parte integrante da dissertação de mestrado intitulada “A Educação Sexual e o curso de Pedagogia: uma proposta introdutória para licenciandos e licenciandas”, disponível em <<http://www.uenp.edu.br/mestrado-ensino>>. Para maiores informações, entre em contato com a autora pelo e-mail: evelinchai@outlook.com.

Almejamos que esta Produção Técnica Educacional, intitulada “Educação Sexual: um curso introdutório para licenciandos e licenciandas em Pedagogia”, possa despertar Educadores e Educadoras Sexuais.

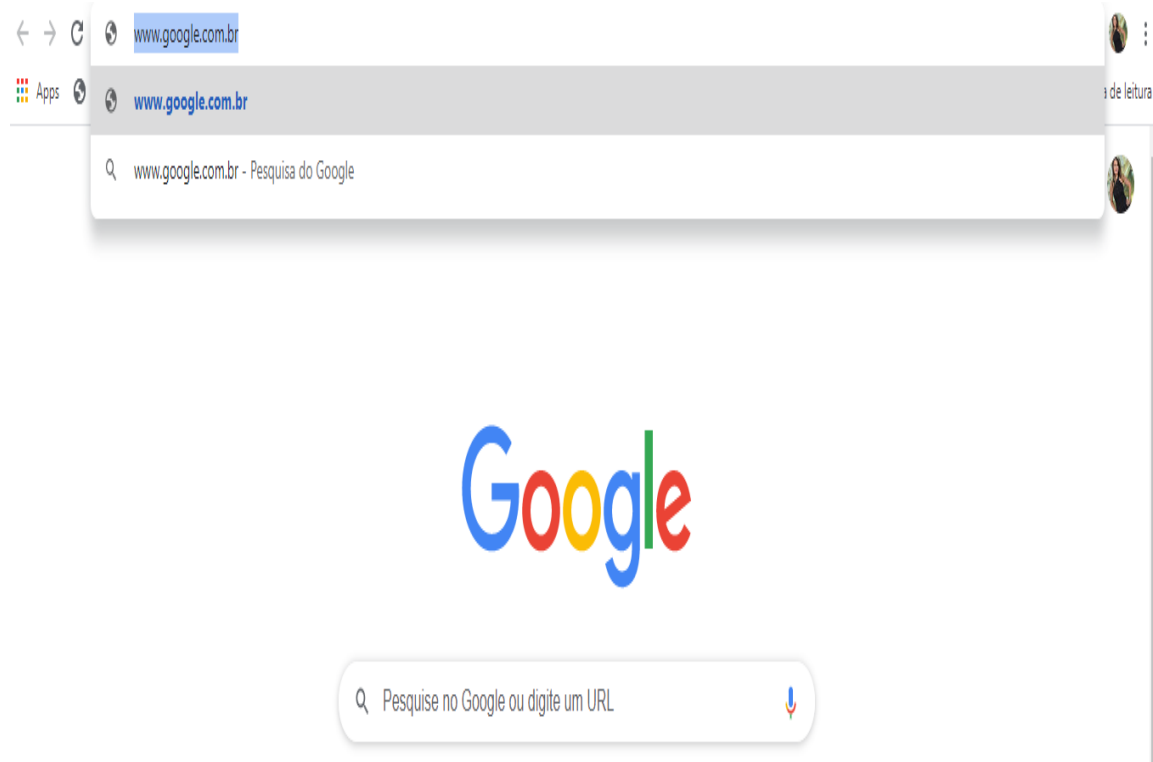
É oportuno esclarecermos que o curso introdutório em Educação Sexual ocorreu no mês de outubro, do ano de 2020, em período noturno, no formato remoto, por meio da utilização das ferramentas virtuais: Google Classroom⁶ e Google Meet⁷, e contou com a participação de um licenciando e 22 licenciandas do curso de Pedagogia que nos propomos a investigar. O curso foi realizado em cinco encontros, e em cada encontro foi discutida uma temática.

2.1 COMO ACESSAR O GOOGLE MEET

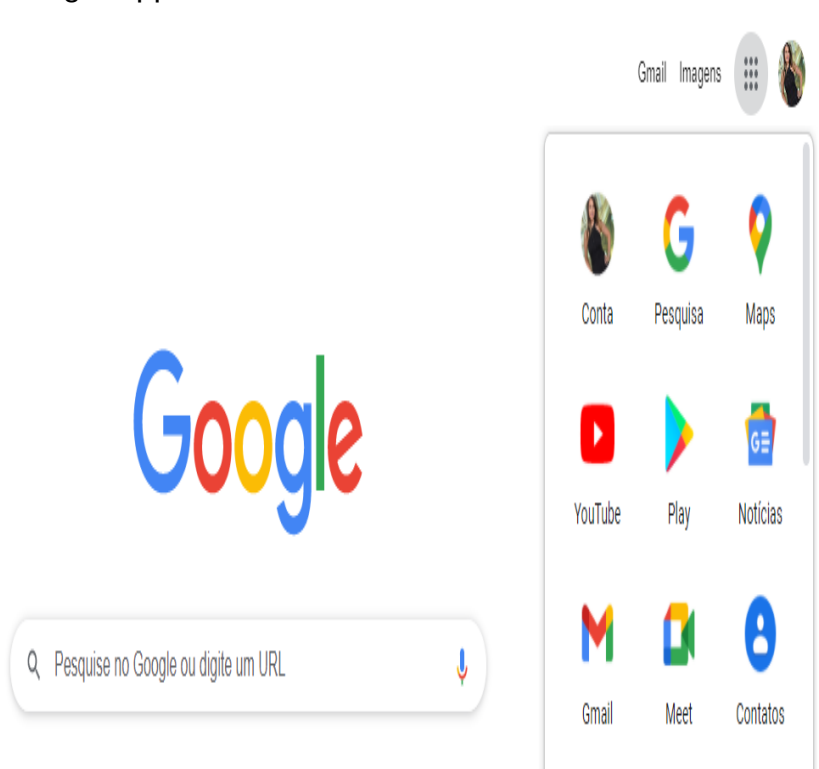
Inicialmente deverá ser aberta a barra de pesquisa do Google.

⁶ O Google Classroom, em português Sala de aula do Google, é uma plataforma virtual de ensino e aprendizagem gratuita, utilizada principalmente por professores e alunos como meio realizar atividades e também como meio de comunicação.

⁷ O Google Meet é um aplicativo de comunicação por videoconferência desenvolvido pelo Google. Trata-se de um aplicativo gratuito no qual é possível realizar o compartilhamento de tela, bem como realizar apresentações de imagens, vídeos, entre outros.

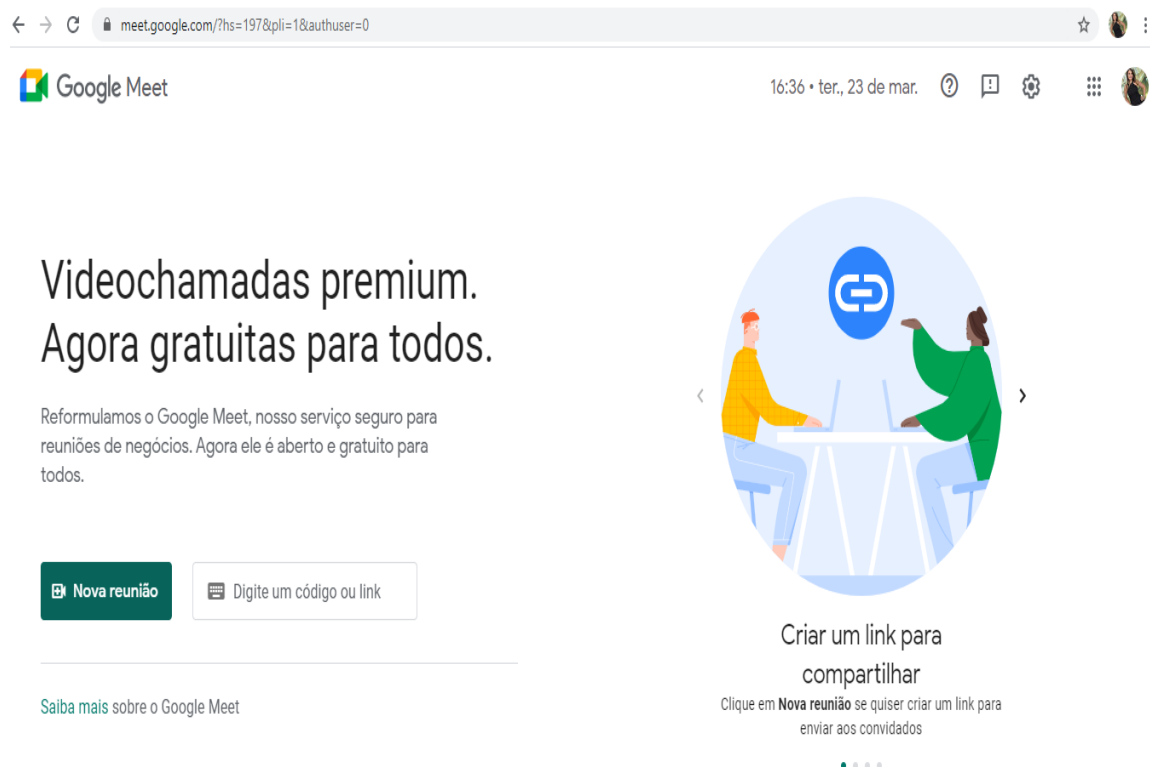
Figura 1 - Acessar o Google

Fonte: Google

Figura 2 - Navega em Google Apps e selecionar a ferramenta "Meet"

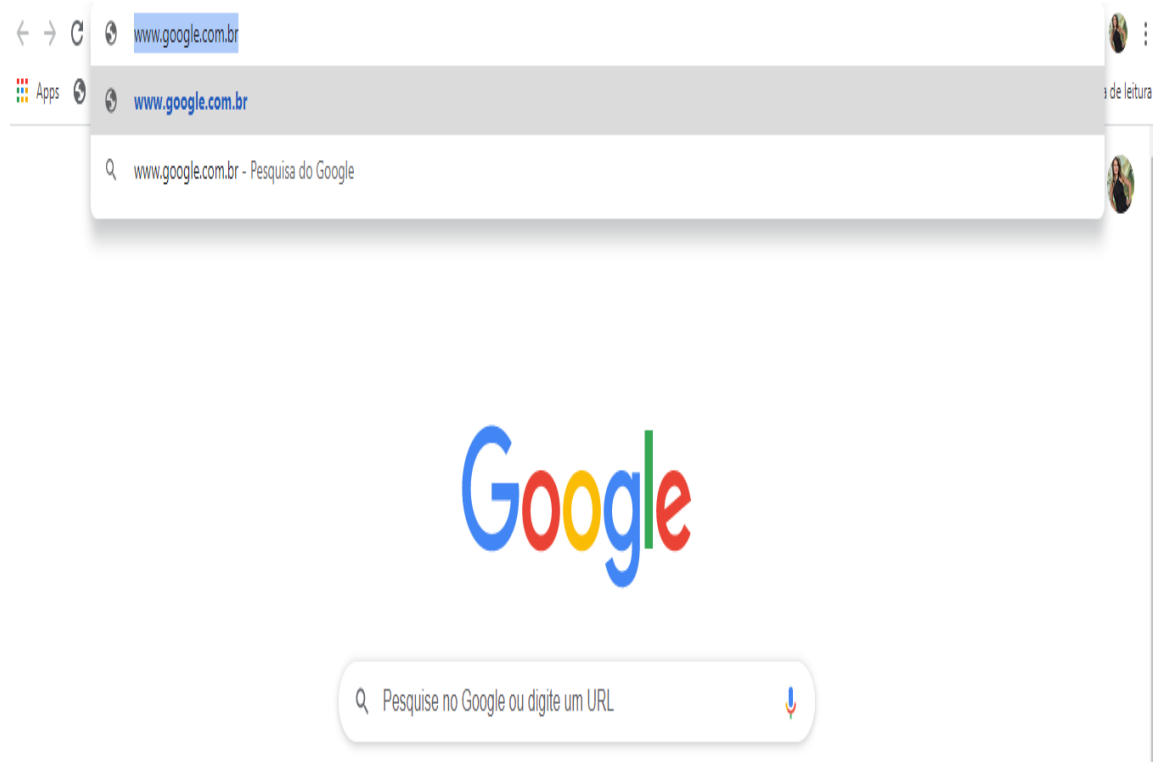
Fonte: Google

Figura 3 - Clicar em “nova reunião” para gerar um link ou em, em caso de já ter o link da reunião, clicar na opção “digite um código ou link”



Fonte: Google Meet

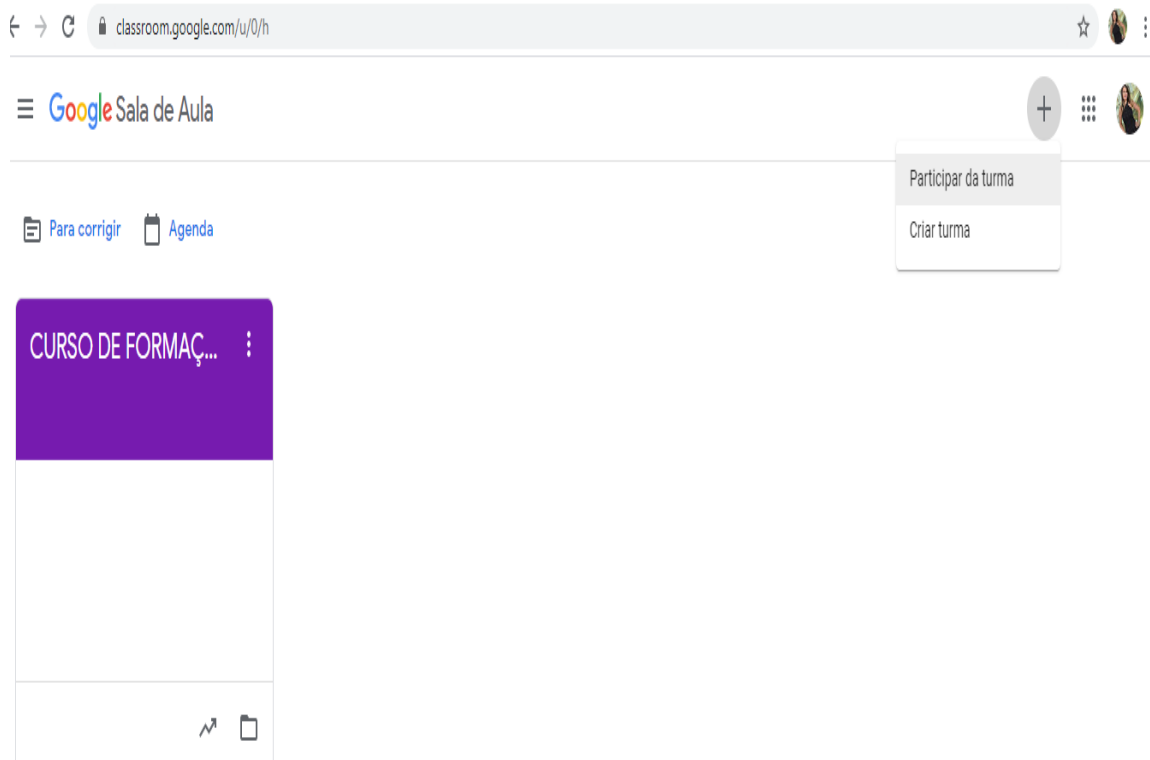
2.2 COMO ACESSAR E APRESENTAÇÃO DA AMBIENTAÇÃO DO CURSO NO GOOGLE CLASSROOM

Figura 4 - Acessar o Google

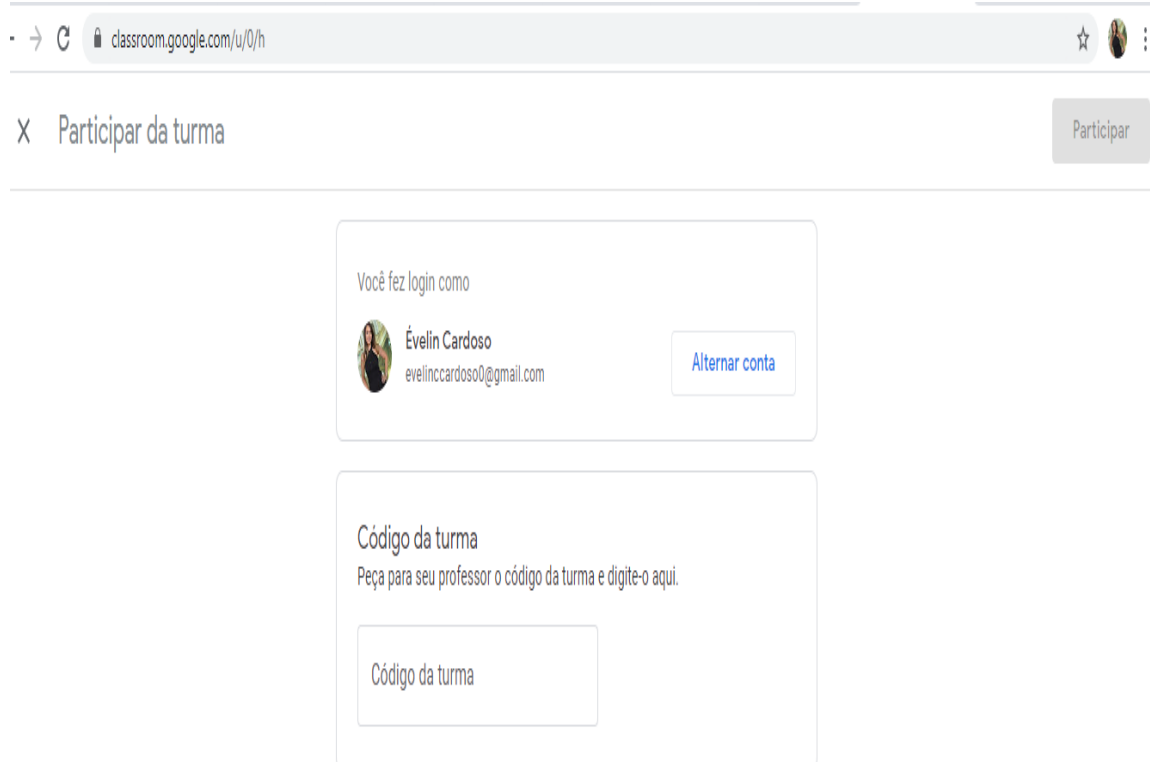
Fonte: Google

Figura 5 - Navegar em Google Apps e selecionar a ferramenta “Google Sala de Aula”

Fonte: Google

Figura 6 - Clicar em participar da turma

Fonte: Google Classroom

Figura 7 - Clicar em código da turma

Fonte: Google Classroom

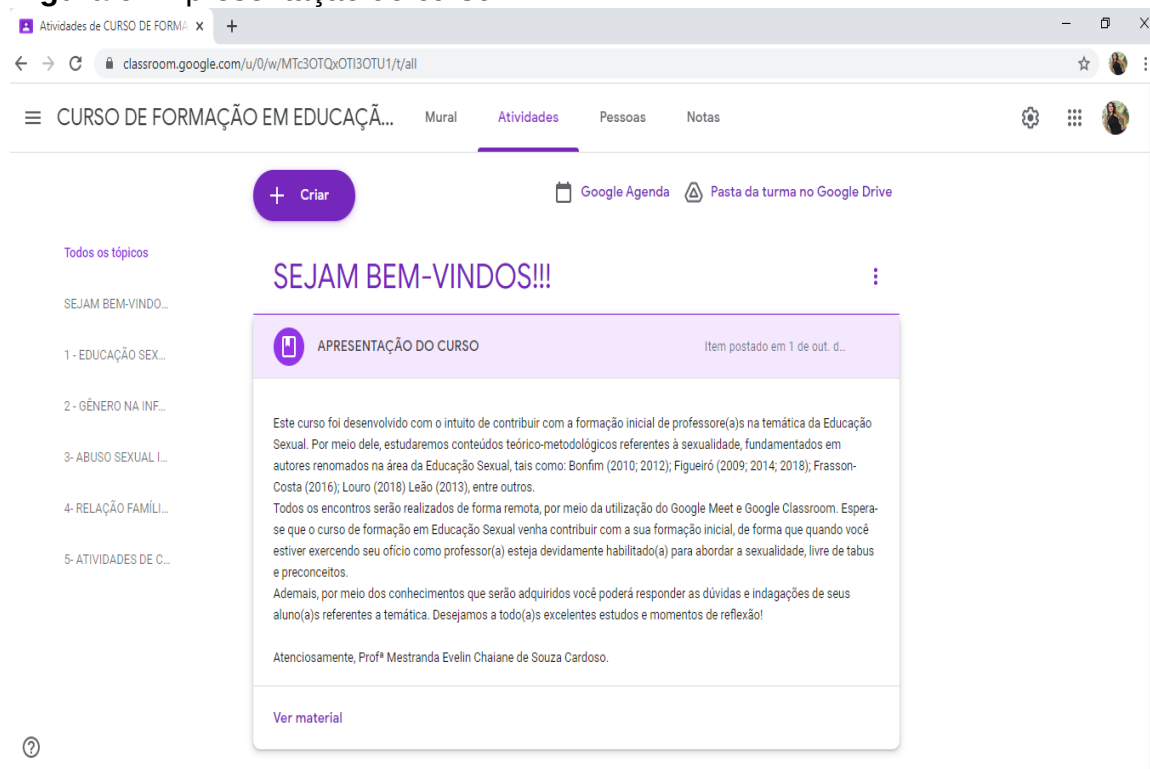
As demais etapas serão detalhadas a seguir. À vista disso, como explicitado, o curso foi desenvolvido por meio da utilização do Google Classroom e do Google Meet. O Google Meet foi utilizado para a realização das videoconferências de cada encontro (síncronas), já o Google Classroom foi utilizado para a comunicação, suporte e encaminhamento dos materiais teórico-metodológico aos participantes (assíncronas). A seguir, apresentaremos a ambientação do curso no Google Classroom.

Figura 8 - Mural do curso

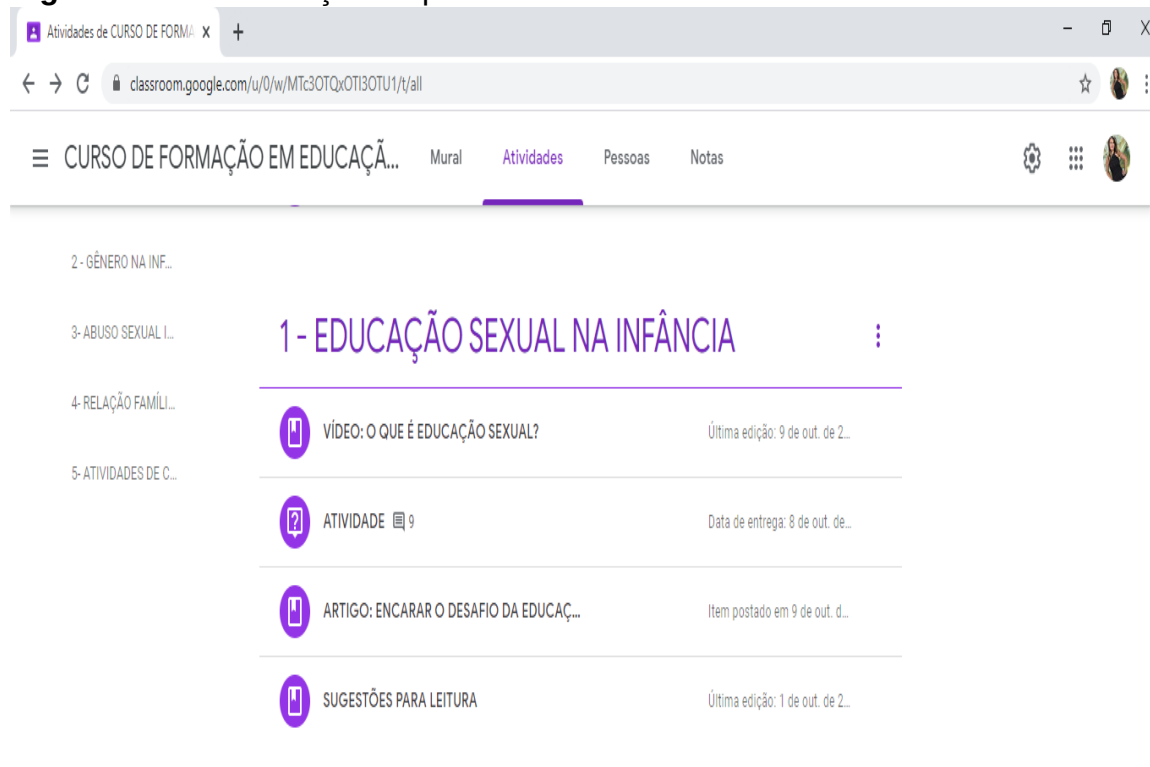


②

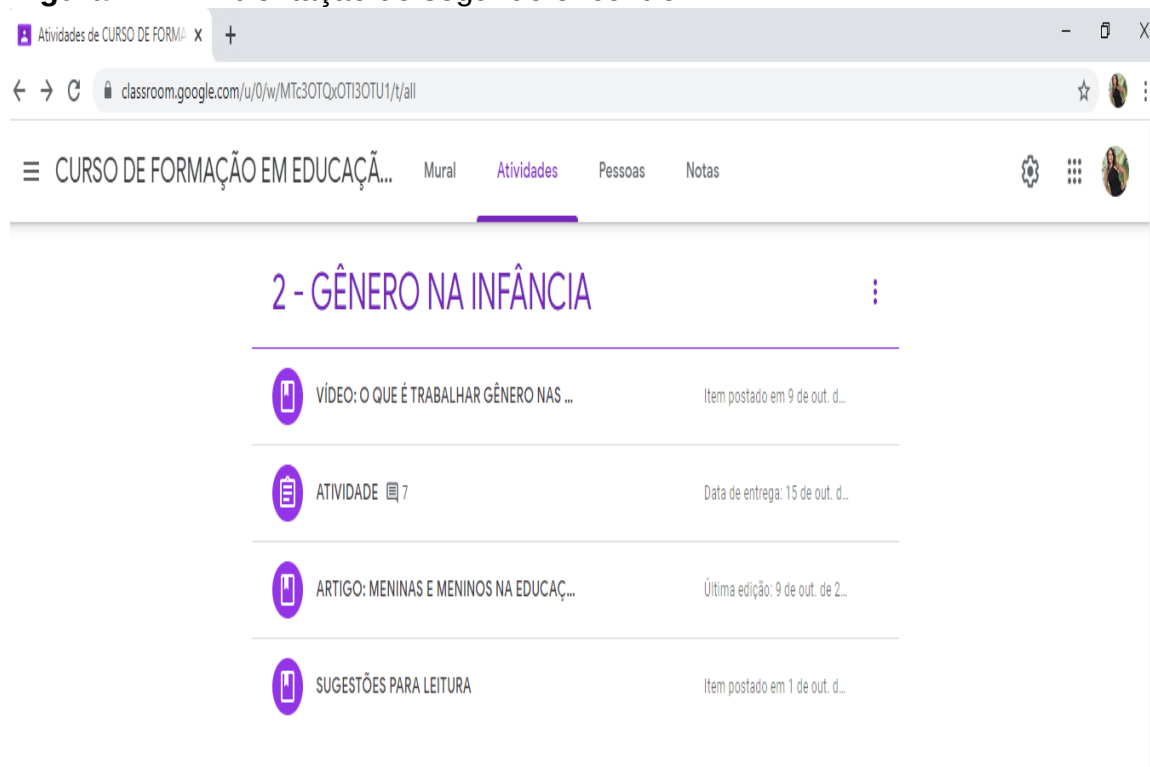
Fonte: Google Classroom

Figura 9 - Apresentação do curso

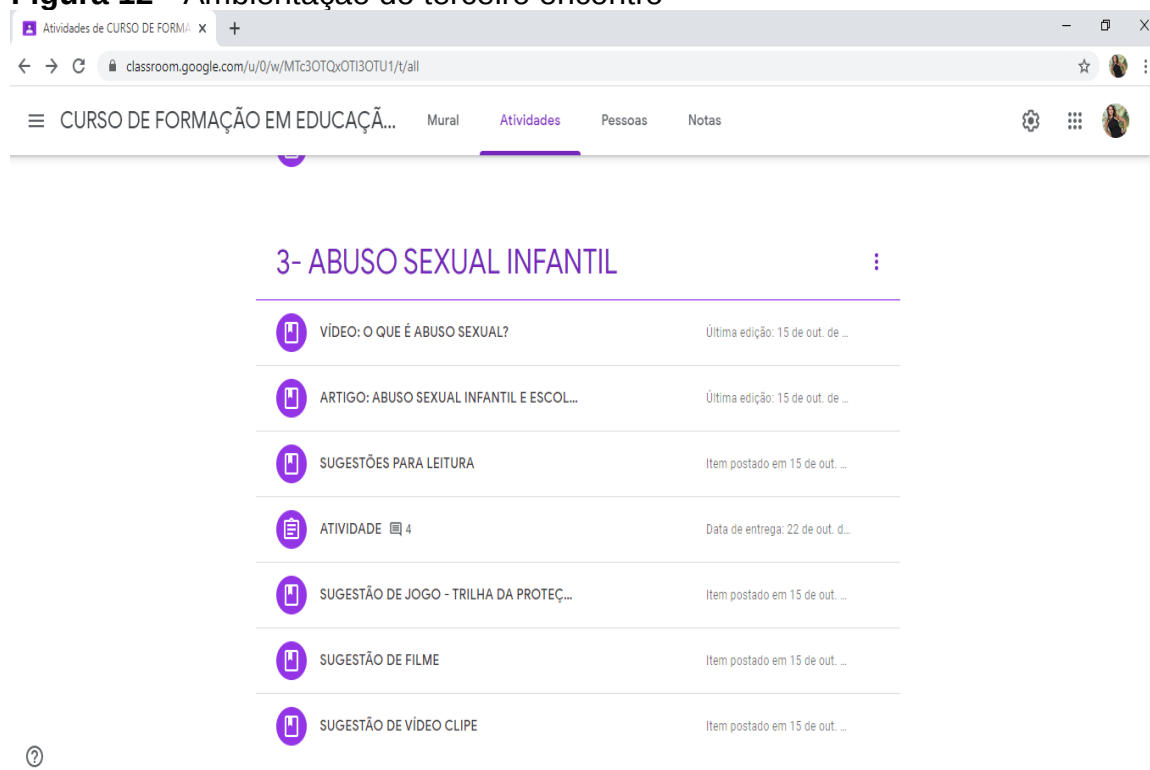
Fonte: Google Classroom

Figura 10 - Ambientação do primeiro encontro

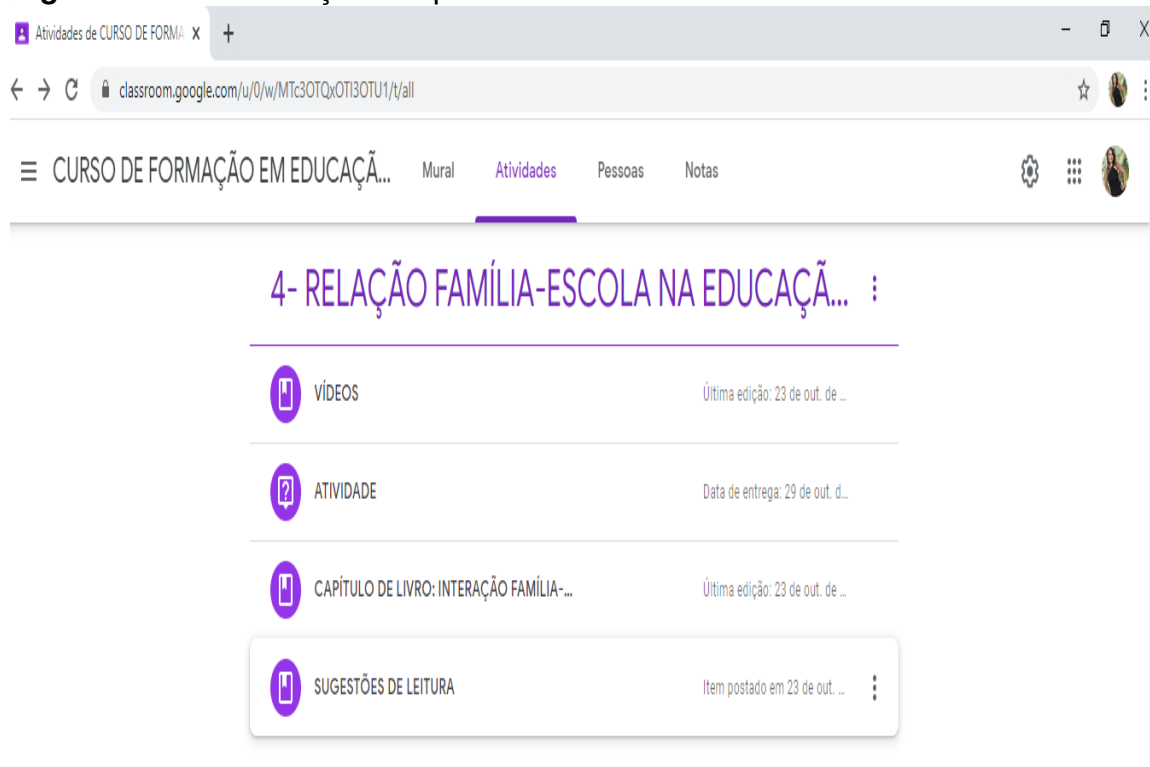
Fonte: Google Classroom

Figura 11 - Ambientação do segundo encontro

Fonte: Google Classroom

Figura 12 - Ambientação do terceiro encontro

Fonte: Google Classroom

Figura 13 - Ambientação do quarto encontro

Fonte: Google Classroom

Figura 14 - Ambientação do quinto encontro

Fonte: Google Classroom

O primeiro encontro abordou a introdução à Educação Sexual na Infância. O segundo encontro versou sobre as questões de Gênero na Infância. O terceiro encontro apresentou conteúdos referentes ao Abuso Sexual na Infância. O quarto encontro abordou sobre a Relação Família e Escola na Educação Sexual. Por fim, o quinto encontro foi destinado a esclarecer possíveis dúvidas dos participantes e explicar de que forma deveriam ser realizadas duas atividades de conclusão do curso.

O curso foi implementado no mês de outubro do ano de 2020 e forneceu certificação de 20 horas aos participantes. À vista disso, como forma de situar os leitores e as leitoras sobre as etapas percorridas para a implementação do curso, apresentamos, a seguir, quadros-resumo de cada encontro realizado contendo tema, data, objetivo e etapas percorridas.

Quadro 1 - Resumo do primeiro encontro

Tema: Introdução à Educação Sexual na Infância		Data: 01/10/2020
Objetivo Geral do encontro: Sensibilizar o(a)s licenciando(a)s acerca da importância da formação de professor(a)s na temática Educação Sexual e do papel da escola na abordagem da sexualidade.		
Encaminhamentos Metodológicos		
Desenvolvido por meio de videoconferência do Google Meet (atividades síncronas): *Apresentação, meio de slides, de conceitos referentes à Educação Sexual e sexualidade; *Desenvolvimento da atividade prática: "Nomeando cientificamente as partes íntimas"; *Desenvolvimento da atividade prática: "Caixinha da sexualidade"; *Solicitação de leitura do artigo "Meninas e Meninos na Educação Infantil: uma questão de Gênero e Poder", para o próximo encontro.		Desenvolvido por meio do Google Classroom (atividades assíncronas): *Visualização do vídeo "O que é Educação Sexual?" ⁸ (FIGUEIRÓ, 2017); *Resolução da atividade: "Por meio do vídeo (FIGUEIRÓ, 2017) assistido, você acredita que o curso de Pedagogia, da instituição em que você estuda, contribui com a Educação Sexual formal? Justifique a sua resposta"; *Leitura do artigo "Meninas e Meninos na Educação Infantil: uma questão de Gênero e Poder".

Fonte: as autoras

Quadro 2 - Resumo do segundo encontro

Tema: Desigualdade de Gênero na Infância	Data: 08/10/2020
Objetivo Geral do encontro: Discutir com o(a)s licenciando(a)s aspectos referentes ao binarismo de Gênero e diferenças e semelhanças entre o Gênero feminino e masculino.	
Encaminhamentos Metodológicos	

⁸ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=I_YzXUrL6Ls&t=99s.

Desenvolvido por meio de videoconferência do Google Meet (atividades síncronas): *Apresentação, por meio de slides, dos conceitos de Gênero, bem como do artigo “Meninas e Meninos na Educação Infantil: uma questão de Gênero e Poder⁹” de Vianna e Finco (2009); *Desenvolvimento da atividade prática: “Desconstrução de brinquedo de menina e brinquedo de menino”; Desenvolvimento da atividade prática “Charadas sobre o corpo humano”; *Solicitação de leitura prévia do artigo “Abuso Sexual Infantil e Escola: enfrentamento e intervenções pedagógicas”, para o próximo encontro.	Desenvolvido por meio do Google Classroom (atividades assíncronas): *Visualização do vídeo “O que é trabalhar Gênero nas escolas¹⁰” (FIGUEIRÓ, 2017); *Resolução da atividade: “Por meio do vídeo (FIGUEIRÓ, 2017) assistido, o que você compreendeu por binarismo de gênero? Você estudou as questões de Gênero no curso de Pedagogia? Justifique sua resposta”; *Estudo do artigo “Abuso Sexual Infantil e Escola: enfrentamento e intervenções pedagógicas”.
--	---

Fonte: as autoras

Quadro 3 - Resumo do terceiro encontro

Tema: Abuso Sexual Infantil	Data: 15/10/2020
Objetivo Geral do encontro: Abordar as características do Abuso Sexual Infantil e os métodos preventivos contra o mesmo.	
Encaminhamentos metodológicos	
Desenvolvido por meio de videoconferência do Google Meet (atividades síncronas): *Apresentação, por meio de slides, das características do Abuso Sexual Infantil, bem como do artigo “Abuso Sexual Infantil e Escola: enfrentamento e intervenções pedagógicas¹¹”, de Oliveira e Miranda (2013); *Desenvolvimento da atividade prática: “o maior tesouro”; *Desenvolvimento da atividade prática: “Jogo: Trilha da Proteção contra o Abuso Sexual Infantil”; *Solicitação de leitura do artigo “Interação família-escola na Educação Sexual: reflexões a partir de um incidente”, de Anami e Figueiró (2009), para o próximo encontro.	Desenvolvido por meio do Google Classroom (atividades assíncronas): *Visualização do vídeo: “O que é abuso sexual?¹²” (FIGUEIRÓ, 2019); *Resolução da atividade: “Por meio do vídeo (FIGUEIRÓ, 2017) assistido, na sua opinião, é importante que o(a)s professor(a)s tenham uma formação referente ao Abuso Sexual? Justifique sua resposta”; *Estudo do artigo “Interação família-escola na Educação Sexual: reflexões a partir de um incidente”, de Anami e Figueiró (2009).

Fonte: as autoras

Quadro 4 - Resumo do quarto encontro

Tema: Relação família e escola na Educação Sexual	Data: 22/10/2020
Objetivo Geral: Discutir com o(a)s licenciando(a)s sobre a importância da relação entre a família e a escola para a abordagem da Educação Sexual.	
Encaminhamentos Metodológicos	

⁹ Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n33/10.pdf>.

¹⁰ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HkpoDtPkkzc>.

¹¹ Disponível em http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381847205_ARQUIVO_ABUSO_SEXUAL_INFANTIL_E_ESCOLA.pdf.

¹² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0RRv4mdDhSI&t=22s>.

Desenvolvido por meio de videoconferência do Google Meet (atividades síncronas): *Apresentação, por meio de slides, do capítulo de livro "Interação família-escola na Educação Sexual: reflexões a partir de um incidente ¹³ ", de Anami e Figueiró (2009); *Desenvolvimento da atividade prática: "Caixinha das curiosidades".	Desenvolvido por meio do Google Classroom (atividades assíncronas): *Visualização do vídeo "A Educação Sexual é papel da Escola ou da Família? ¹⁴ " (FIGUEIRÓ, 2017); *Resolução da atividade: "Por meio do vídeo (FIGUEIRÓ, 2017) assistido, na sua opinião, qual é o papel da escola e do(a)s professor(a)s no trabalho com a Educação Sexual?".
---	--

Fonte: as autoras

Quadro 5 - Resumo do quinto encontro

Tema: Conclusão do curso de formação em Educação Sexual	Data: 29/10/2020
Objetivo geral do encontro: Esclarecer possíveis dúvidas, questionamentos ou curiosidades do(a)s licenciando(a)s a respeito dos temas discutidos durante o curso de formação.	
Encaminhamentos Metodológicos	
Desenvolvido por meio de videoconferência do Google Meet (atividades síncronas): *Retomada geral dos conteúdos versados durante os encontros anteriores; *Explicação e solicitação de realização da atividade "Eu penso, eu sinto"; *Explicação e solicitação da realização da avaliação do curso formativo.	Desenvolvido por meio do Google Classroom (atividades assíncronas): * Resolução da atividade "Eu penso, eu sinto"; * Resolução da avaliação do curso formativo.

Fonte: a autora

2.3 DETALHAMENTO DOS ENCONTROS

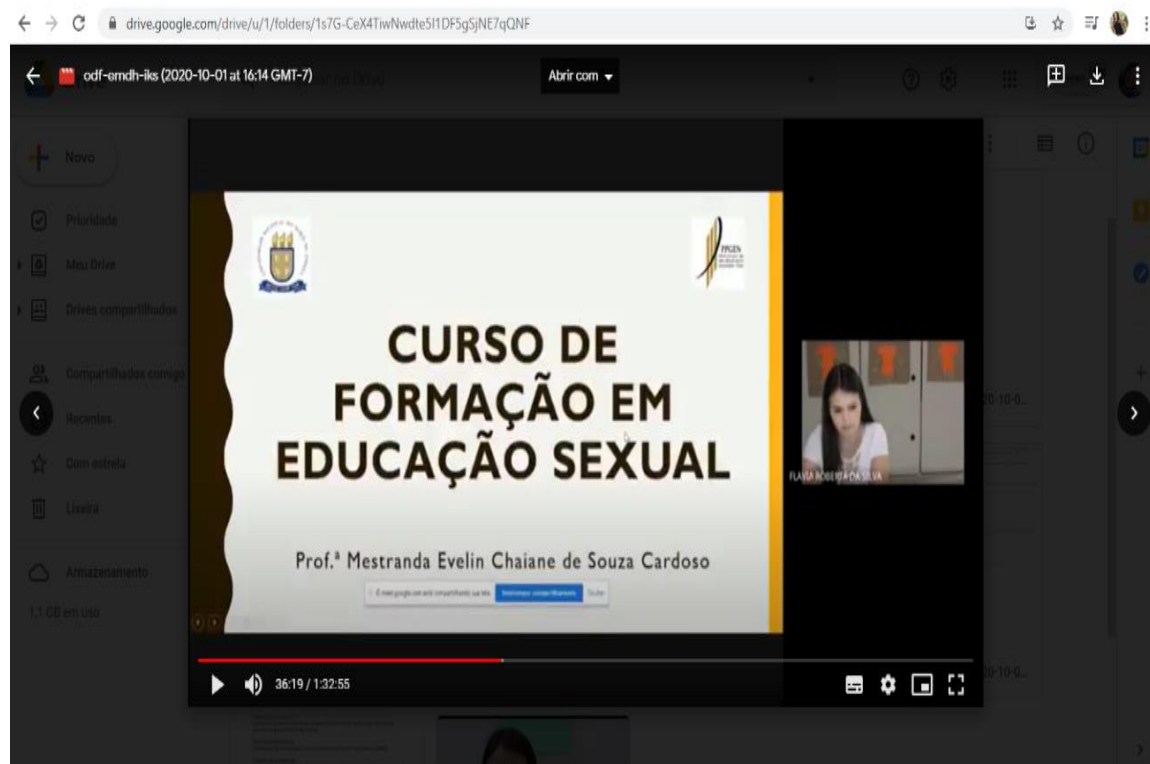
INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO SEXUAL NA INFÂNCIA

Para o primeiro encontro, sugere-se que o(a) mediador(a) se apresente destacando sua formação acadêmica e posteriormente apresente o curso de formação em Educação Sexual.

Reiteramos que este curso foi desenvolvido em cinco encontros, desse modo, trata-se de um curso de curta duração. Sugerimos inicialmente que o mediador esclareça que o curso se trata de uma introdução à Educação Sexual, visto que em cinco encontros não é possível abordar a temática de forma aprofundada.

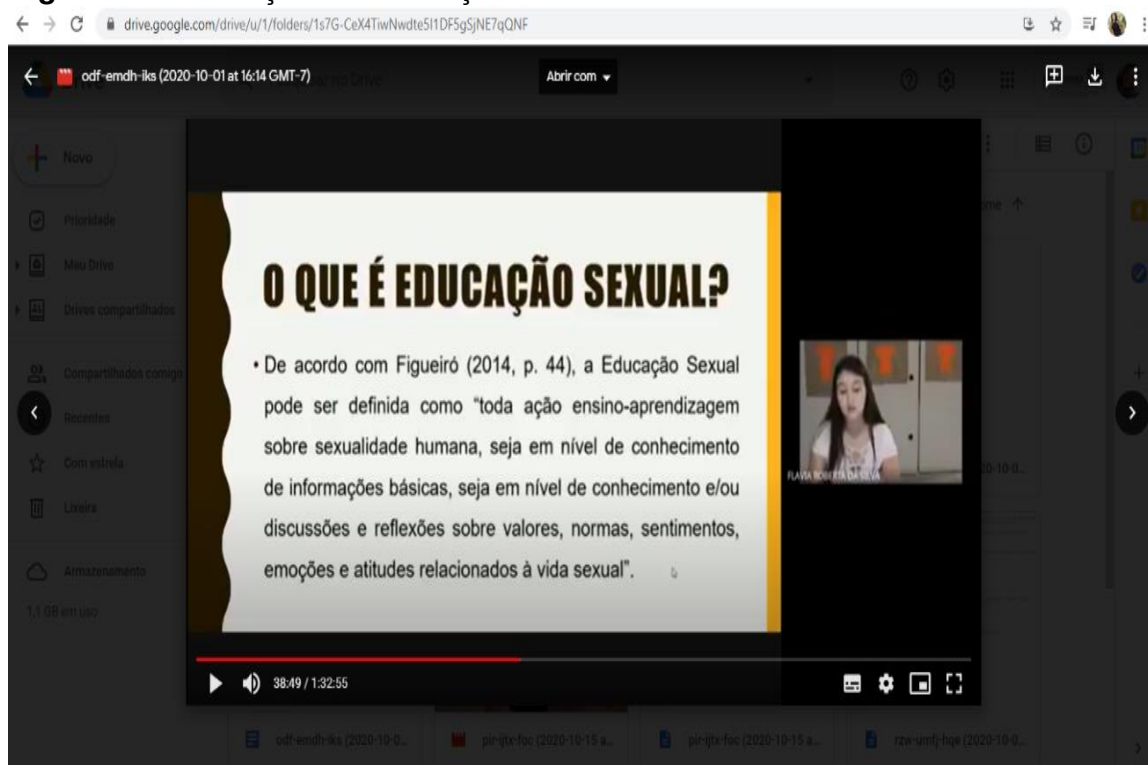
¹³Disponível em http://www.cepac.org.br/blog/wpcontent/uploads/2011/07/Educacao_Sexual_Multiplos_Temas.pdf, p. 87 a 112.

¹⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WkmYVr5UGus>.

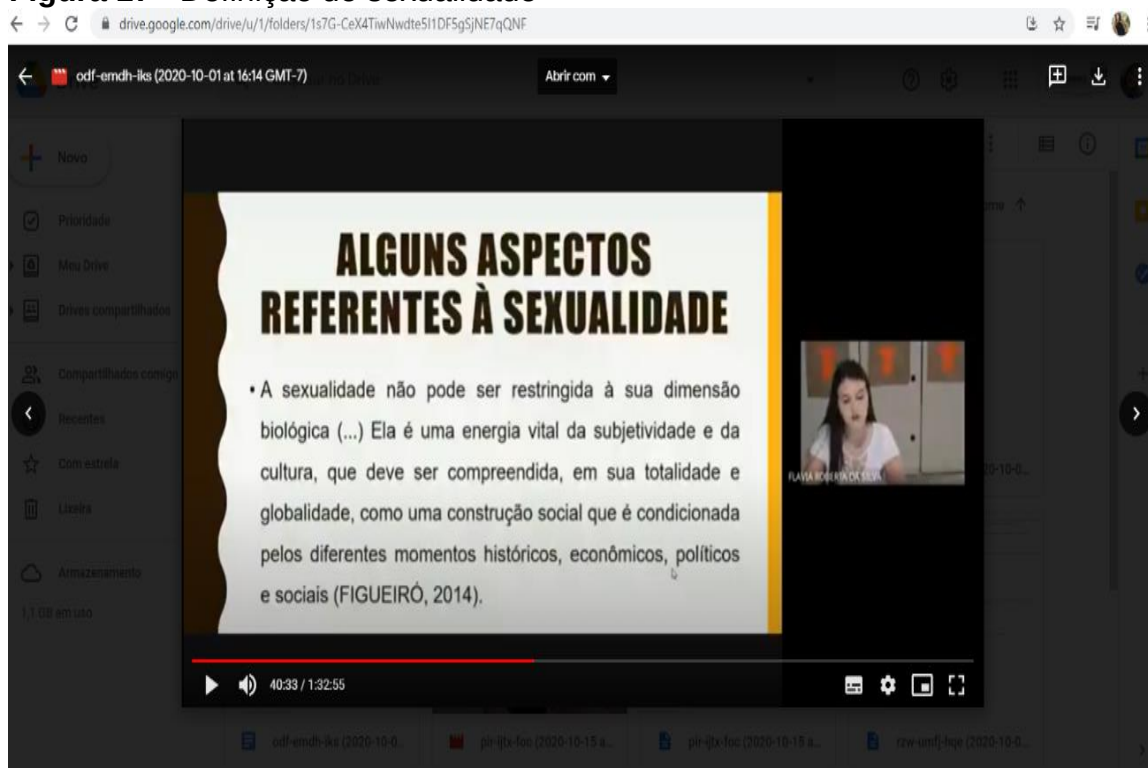
Figura 15 - Apresentação do curso

Fonte: Google Meet

Após a apresentação do curso, o(a) mediador(a) apresentará aos licenciandos e as licenciandas algumas definições de Educação Sexual e sexualidade, como forma de introdução à temática.

Figura 16 - Definição de Educação Sexual

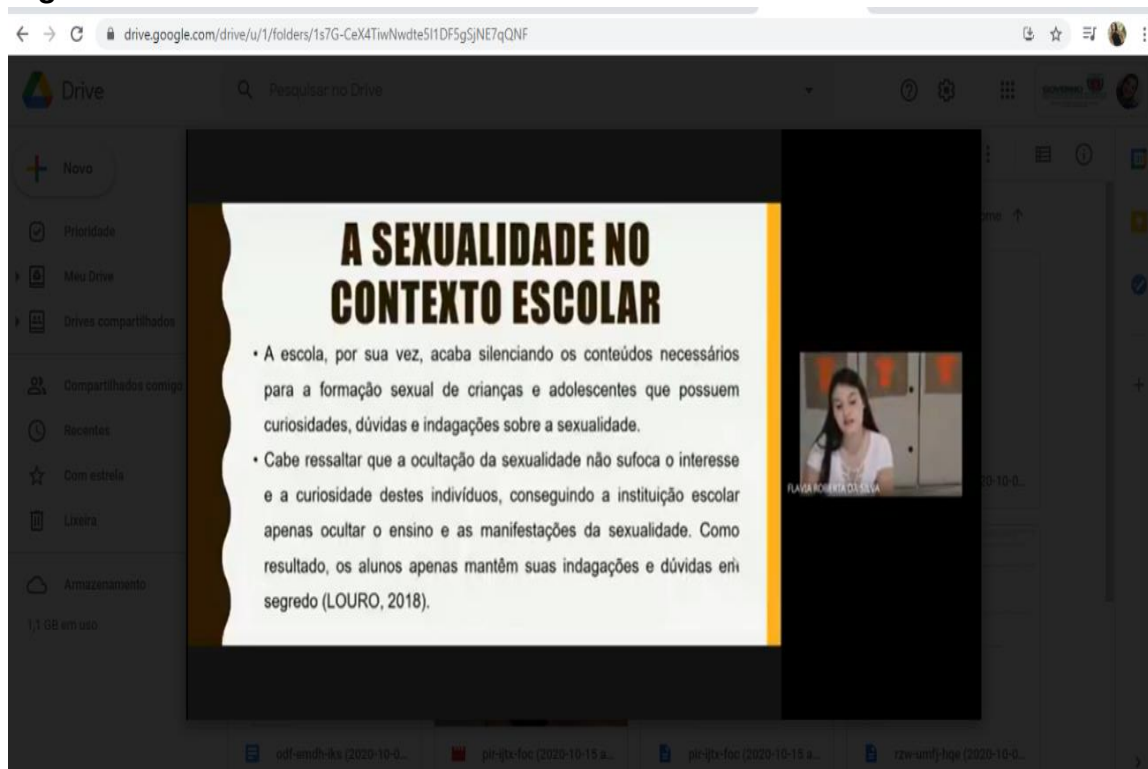
Fonte: Google Meet

Figura 17 - Definição de sexualidade

Fonte: Google Meet

Posteriormente, é importante que o(a) mediador(a) traga para a discussão alguns aspectos relacionados à sexualidade no âmbito escolar.

Figura 18 - A sexualidade no contexto escolar



Fonte: Google Meet

DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES PRÁTICAS

Após a realização das etapas acima destacadas, é importante que o(a) mediador(a), como forma de contribuir com a futura prática docente dos licenciandos e licenciandas, apresente algumas atividades práticas referentes à Educação Sexual. A seguir, trazemos a sugestão de duas atividades que poderão ser utilizadas para a introdução da Educação Sexual. Recomendamos a aplicação destas atividades com alunos e alunas da EI e anos iniciais do EF.

NOMEANDO CIENTIFICAMENTE AS PARTES ÍNTIMAS

Figura 19 - Apresentação da atividade



Fonte: a autora

A primeira, **“nomeando cientificamente as partes íntimas”**, como o próprio nome aponta, tem o objetivo de conscientizar os licenciandos e licenciandas acerca da importância de versar os nomes científicos do corpo humano com seus alunos. À vista disso, o(a) mediador(a) apresentará a atividade aos licenciandos e as licenciandas e sugerirá aos mesmos que esta seja aplicada com alunos e alunas, da EI (Jardim B), da seguinte forma:

Para iniciar a aula, os licenciandos e as licenciandas deverão conversar com os alunos e alunas sobre a estrutura do corpo humano. Em seguida, os licenciandos e as licenciandas poderão fazer algumas perguntas, aos alunos relacionadas à como se nomeiam determinadas partes do corpo perguntarão com relação as partes íntimas, quais as diferenças de homens e de mulheres, e os alunos e alunas responderão ao questionamento utilizando as nomenclaturas que aprenderam até o momento.

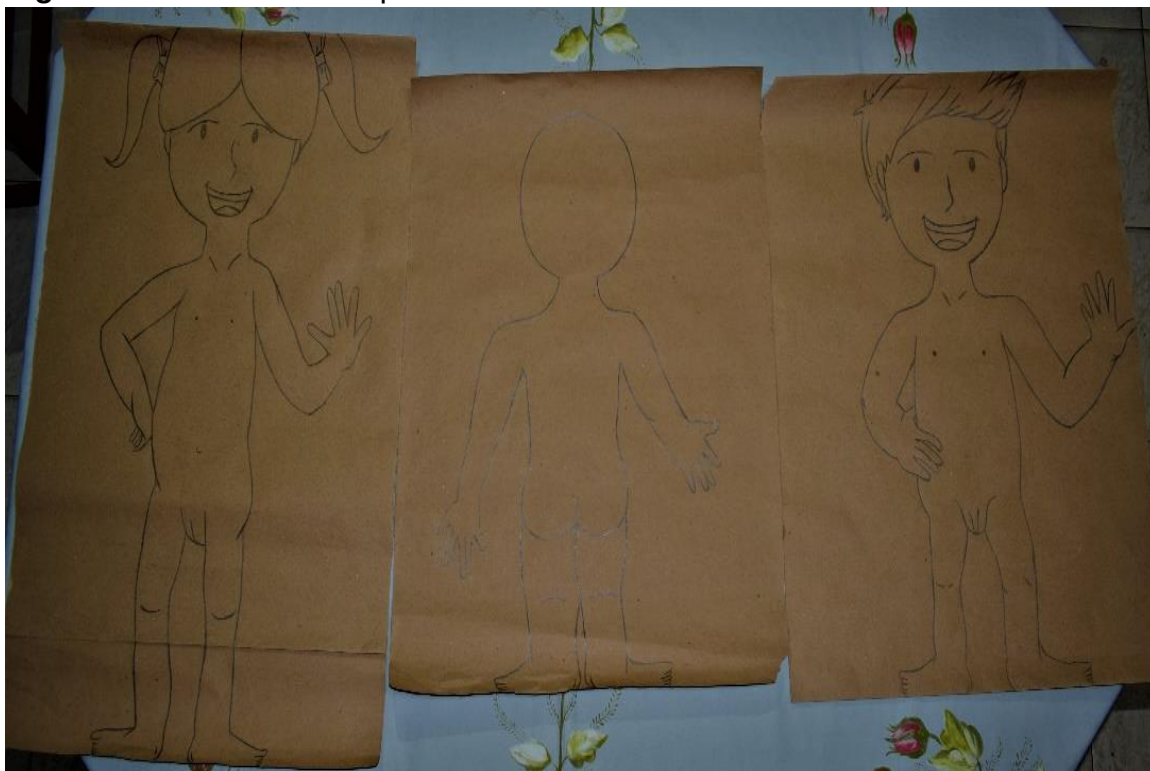
O(a) mediador explicará aos licenciandos e licenciandas¹⁵ que eles deverão desenhar três cartazes, no papel de preferência, sendo um com o

¹⁵ É oportuno esclarecermos que, apesar de utilizarmos licenciandos e não professores, estas atividades são sugestões para que o(a)s licenciando(a)s desenvolvam quando estiverem exercendo sua prática docente.

corpo masculino, um com o corpo feminino e um de costas e, em seguida, eles escreverão, em uma folha, os nomes científicos de cada órgão do corpo humano (para posteriormente colar ao lado de cada órgão).

Após, os mesmos perguntarão aos alunos e alunas como se denomina cada parte do corpo humano e, após ouvir as respostas dos alunos e das alunas, apresentarão as terminologias científicas e irão colar cada nome científico ao lado de cada órgão correspondente.

Figura 20 - Modelo do corpo humano nu



Fonte: a autora

Figura 21 - Modelo corpo humano com as nomenclaturas científicas



Fonte: a autora

O(a) mediador(a) orientará os licenciandos e as licenciandas ao fato de que comumente, os alunos e alunas da EI utilizam palavras de senso comum, tais como: pipi, perereca, tetinha, entre outros, para definir as partes íntimas e que, apesar desses nomes serem utilizados em forma de representação dos órgãos sexuais feminino e masculino, existem nomenclaturas científicas e é importante que os licenciandos e as licenciandas abordem estes nomes com os alunos e com as alunas.

É importante esclarecer aos licenciandos e as licenciandas que não basta apenas falar aos alunos e alunas “partes íntimas”, “pode-se falar ‘partes íntimas’, mas esse termo precisa ser esclarecido” (FIGUEIRÓ, 2018, p. 118). Dessa forma, o(a) mediador(a) precisa explicar aos licenciandos e as licenciandas para que utilizem os termos científicos do corpo humano, como: pênis, vulva, vagina, seios, porém, de uma forma que a criança saiba, de acordo com o seu entendimento, sobre o que se refere, exemplo: o pênis se refere ao pipi, a vulva se refere a perereca, entre outros. Estima-se uma hora de duração.

Esta é uma ótima dinâmica para os licenciandos e licenciandas iniciarem o seu trabalho sobre Educação Sexual em sala de aula, conhecendo

as nomenclaturas que os alunos e alunas utilizam para se referir aos seus órgãos genitais e despertando caminhos para diálogos, dúvidas e demais curiosidades que os mesmos possam ter referentes à sexualidade.

CAIXINHA DA SEXUALIDADE

Figura 22 - Apresentação da atividade



Fonte: a autora

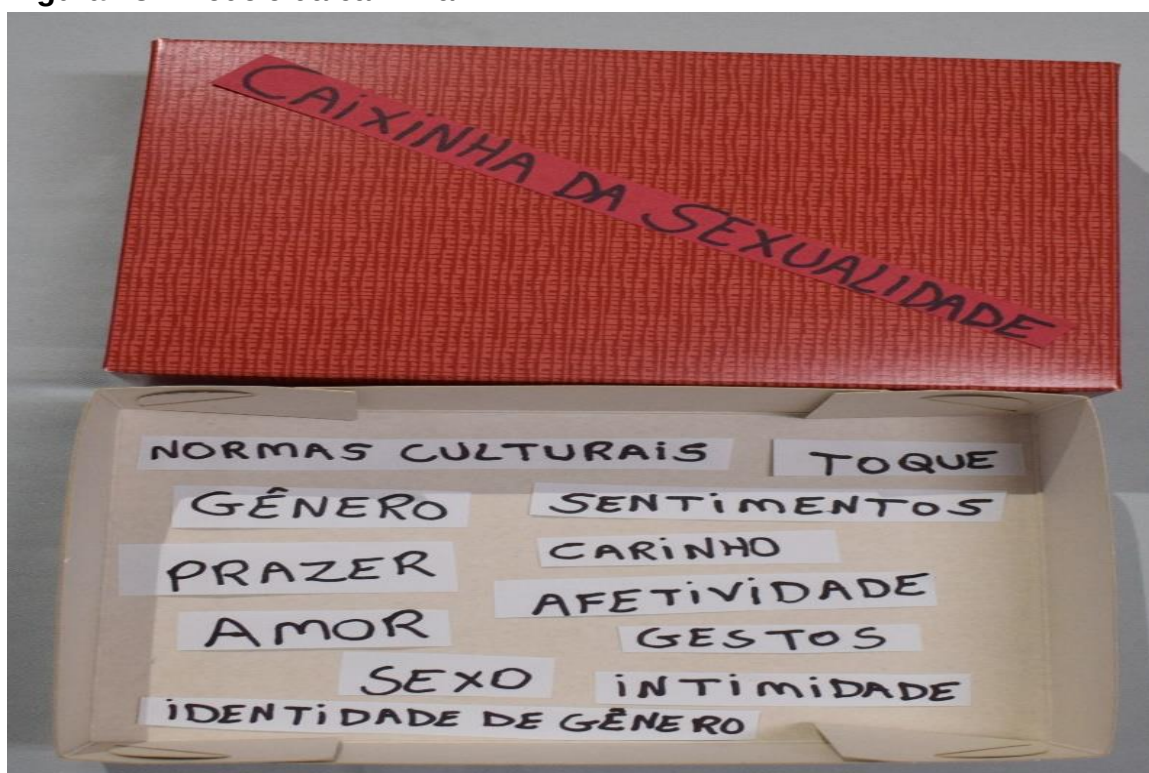
A segunda atividade, nomeada de **“caixinha da sexualidade”**, tem como objetivo sensibilizar os licenciandos e as licenciandas acerca da importância de explicar aos seus alunos e as suas alunas as variadas formas em que a sexualidade é manifestada. Assim, o(a) mediador(a) apresentará esta atividade aos licenciandos e as licenciandas e irá sugerir que seja aplicada com alunos e alunas dos anos iniciais do EF (4º ano), da seguinte forma:

Para iniciar esta atividade, os licenciandos e licenciandas irão confeccionar uma caixa e inserirão, dentro da mesma, algumas palavras, tais como: amor, prazer, toque, sexo, afetividade, carinho, gestos, comunicação, respeito, alegria, gênero, normas culturais, identidade de gênero, intimidade, ações, sentimentos, entre outros.

Em seguida, o(a) mediador(a) irá explicar aos licenciandos e as licenciandas que abordem com os alunos e com as alunas alguns aspectos referentes à sexualidade. Posteriormente, estes irão solicitar para que cada aluno e cada aluna escolha um papelzinho de dentro da caixa. Após, os licenciandos e as licenciandas solicitarão que os alunos e as alunas abram os papeis e leiam em voz alta o que está escrito, um de cada vez.

Depois disso, os licenciandos e licenciandas perguntarão para cada um dos alunos e alunas se eles acreditam que a palavra escrita no seu papel representa a sexualidade e irá aguardar que os alunos e alunas respondam de forma livre. Para finalizar, os licenciandos e licenciandas finalizarão a atividade argumentando que a sexualidade é plural e por isso ela envolve todos os aspectos representados nas palavras que cada um leu. Para esta atividade, estima-se 40 minutos de duração.

Figura 23 - Modelo da caixinha



Fonte: a autora

GOOGLE CLASSROOM - VÍDEO: O QUE É EDUCAÇÃO SEXUAL?

Após o encerramento do encontro, por meio do Google Meet, o(a) mediador(a) deverá disponibilizar aos licenciandos e as licenciandas um vídeo nomeado “O que é Educação Sexual?” de Figueiró (2017). Trata-se de um vídeo que apresenta conceitos referentes à Educação Sexual.

Em sua descrição, no canal do Youtube de Mary Neide Figueiró, consta: “No vídeo de hoje, vamos abordar o conceito de Educação Sexual, que consiste no espaço no qual adultos conversam com crianças e adolescentes sobre assuntos como gravidez, parto e relacionamento a dois. Mas, sobretudo, Educação Sexual é ensinar a pensar! Convido você a refletir comigo sobre a importância da Educação Sexual no nosso dia a dia” (FIGUEIRÓ, 2017).

Após disponibilizar o vídeo, é importante que o(a) mediador elabore uma atividade escrita para ser realizada pelos licenciandos e licenciandas, a partir do vídeo assistido, e disponibilize no Google Classroom para que os mesmos respondam e apresentem suas opiniões relacionadas à temática e a sua formação inicial.

Quadro 6 - Atividade escrita

Por meio do vídeo (FIGUEIRÓ, 2017) assistido, você acredita que o curso de Pedagogia, da instituição em que você estuda, contribui com a Educação Sexual formal? Justifique a sua resposta.

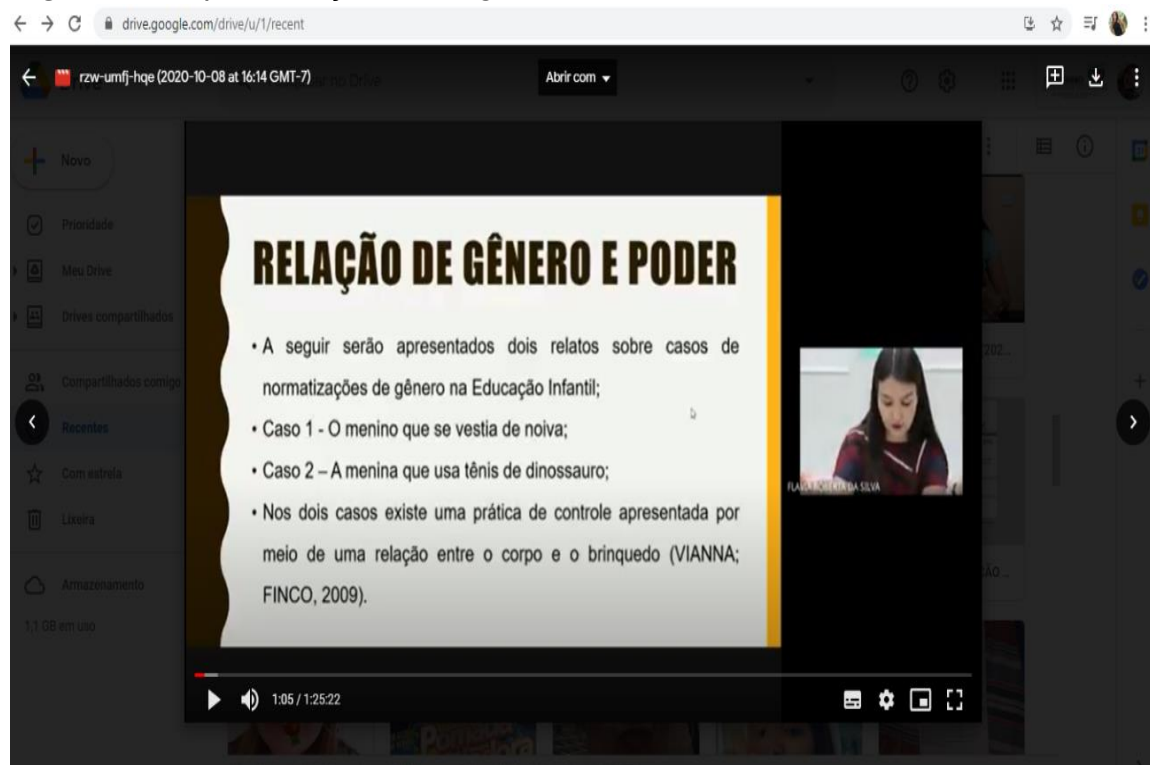
Fonte: a autora

Após os licenciandos e as licenciandas responderem à questão apresentada no Google Classroom, o(a) mediador(a) disponibilizará a leitura que será discutida, por meio de apresentação de slides, no próximo encontro. E considerando que o segundo encontro abordará as questões de Gênero na Infância, o(a) mediador(a) disponibilizará o artigo, em formato digital, “Meninos e Meninas na Educação Infantil: uma questão de Gênero e Poder”, com o objetivo de favorecer aos licenciandos e as licenciandas o reconhecimento de preconceitos ocorrentes no âmbito escolar em relação a diversidade de Gênero e promover uma leitura teórica e científica referente às formas de abordar as relações de gênero na escola.

GÊNERO NA INFÂNCIA

Como mencionado anteriormente, o segundo encontro deverá ser pautado na temática Gênero. Desse modo, para iniciar este encontro o(a) mediador(a) apresentará, por meio de slides, algumas definições a respeito do que é Gênero e, em seguida, apresentará de forma sintetizada, o artigo “Meninos e Meninas na Educação Infantil: uma questão de Gênero e Poder”.

Figura 24 - Apresentação do artigo



Fonte: Google Meet

Figura 25 - Apresentação do artigo



Fonte: as autoras

O artigo escolhido menciona experiências ocorridas na EI, na qual as pesquisadoras Vianna e Finco (2009) realizaram uma intervenção, observando normatizações de Gênero a partir da relação entre corpo e brinquedo. É importante que o(a) mediador(a) apresente, sobretudo, os relatos experienciais das pesquisadoras do referido artigo e estimule os licenciandos e as licenciandas a relatarem alguma experiência que tenham vivido em sua formação anterior ou em estágios curriculares da Universidade.

DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES PRÁTICAS

Após o desenvolvimento das etapas mencionadas anteriormente, é importante que o(a) mediador(a), como forma de contribuir com a futura prática pedagógica dos licenciandos e licenciandas, apresente algumas atividades práticas referentes à Educação Sexual.

À vista disso, trazemos ao mediador(a), a sugestão de duas atividades relacionadas à temática Gênero que poderão ser apresentadas aos

licenciandos e as licenciandas. Recomendamos a aplicação destas atividades com alunos e alunas da EI e anos iniciais do EF.

DESCONSTRUÇÃO DE BRINQUEDO DE MENINA E BRINQUEDO DE MENINO

Figura 26 - Apresentação da atividade



Fonte: a autora

A primeira atividade intitulada “**Desconstrução de brinquedo de menina e brinquedo de menino**”, trata-se de uma adaptação da dinâmica “A caixa”, desenvolvida por Moreira (2015) em sua dissertação de mestrado e tem por objetivo apresentar aos licenciandos e licenciandas a importância de compreender as concepções dos alunos e alunas acerca da relação entre os brinquedos e as normatizações de Gênero, além de desmistificar preconceitos de Gênero de forma dinâmica.

Nesse viés, o(a) mediador(a) apresentará esta atividade aos licenciandos e as licenciandas e irá sugerir aos mesmos que ela seja aplicada com alunos e alunas da EI (Jardim A), da seguinte forma:

Para esta atividade é importante que o(a) mediador(a) esteja munido de diversos brinquedos, tais como: carrinho, boneca, pião, caminhão,

raquete, bolinha, boneco, helicóptero, lancha, penteadeira, guitarra, entre outros. Além disso, o(a) mediador(a) escreverá ou digitará com posterior impressão do nome, cada um desses brinquedos em uma folha de sulfite. Em seguida, utilizará três cartazes, de modo que no primeiro estará escrito “brinquedos de menina”, no segundo “brinquedo de menino” e no terceiro “brinquedos de menina e menino”.

Para realizar a interação, o(a) mediador(a) explicará aos licenciandos e licenciandas que, para a realização desta atividade, eles apresentarão aos alunos cada um dos brinquedos e perguntarão aos mesmos em qual classificação os brinquedos que ele apresentou estão inseridos: “brinquedo de menino”, “brinquedo de menina” ou “brinquedo de menina e menino”.

O(a) mediador ainda ressaltará aos licenciandos e as licenciandas que expliquem aos alunos e as alunas que classificar é separar e orientá-los sobre a possibilidade de que os alunos e as alunas reproduzam preconceitos de Gênero, tais como: “boneca é brinquedo de menina”, “bola é brinquedo de menino”, “corda é brinquedo de menino e de menina”. A classificação será feita conforme o maior número de respostas.

Nesse sentido, após os alunos e as alunas realizarem a classificação dos brinquedos apresentados, é importante que os licenciandos e licenciandas expliquem aos mesmos que não há separação entre “brinquedos de meninas” e “brinquedos de meninos”, pois tratam-se apenas de brinquedos, os quais podem ser utilizados tanto por meninos quanto por meninas.

Figura 27 - Modelo de brinquedos que poderão ser utilizados para a atividade



Fonte: a autora

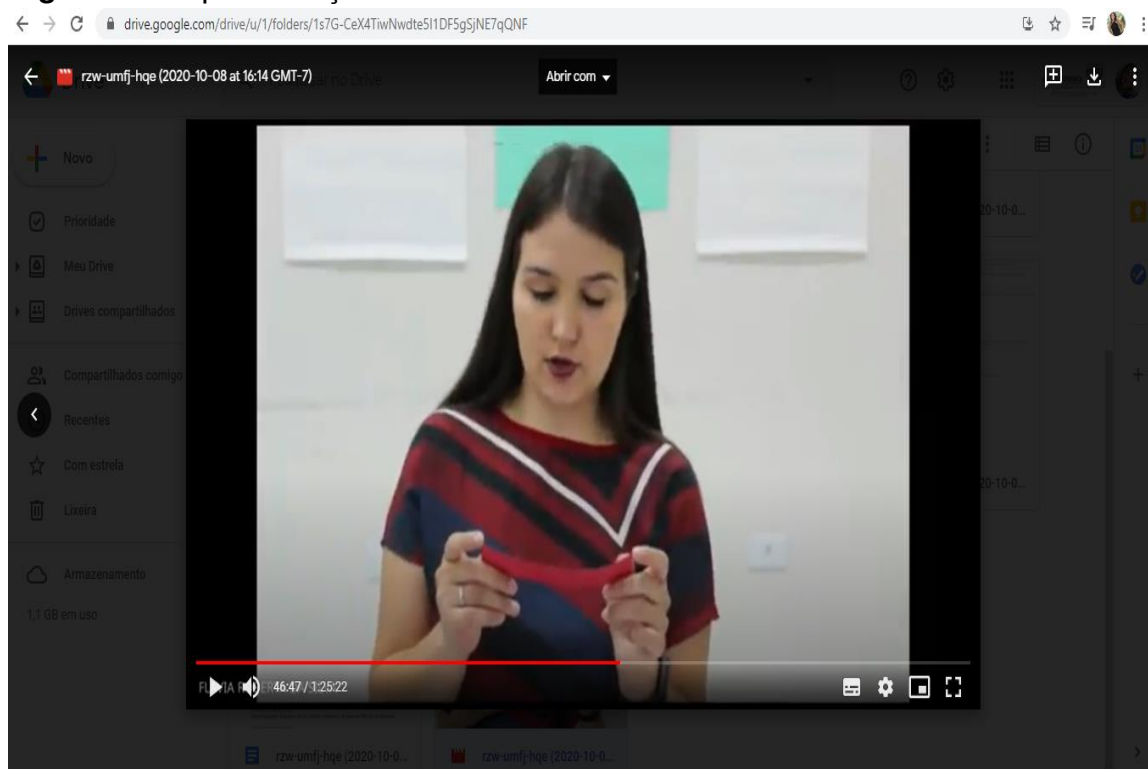
Figura 28 - Modelo de cartazes com os nomes dos brinquedos



Fonte: a autora

CHARADAS DO CORPO HUMANO

Figura 29 - Apresentação da atividade



Fonte: a autora

A segunda atividade “**Charadas do corpo humano**” é uma adaptação da dinâmica “Charadinhas do corpo humano”, desenvolvida por Moreira (2015) em sua dissertação de mestrado e possui como objetivos sensibilizar os licenciandos e as licenciandas acerca da importância de os alunos e das alunas memorizarem os nomes científicos das partes do corpo, além de ser um jogo interessante para introduzir aspectos relacionados às diferenças físicas entre homens e mulheres.

Para este jogo é necessário apenas uma folha impressa com as orientações e regras do jogo, papéis dobrados contendo as perguntas do jogo e um saco plástico ou caixinha para sorteio das questões do jogo. À vista disso, o(a) mediador(a) apresentará esta atividade aos licenciandos e licenciandas e sugerirá aos mesmos que apliquem com alunos e alunas dos anos iniciais do EF (1º ano), do seguinte modo:

O(a) mediador(a) explicará aos licenciandos e as licenciandas que para iniciar o jogo eles deverão ler para os alunos e para as alunas as regras e orientações do jogo. Ademais, deverão reiterar aos participantes que este jogo

é em equipe, por isso, deve haver respeito com os colegas, respeitando a vez de cada um.

Em seguida, o(a) mediador(a) explicará aos licenciandos e licenciandas que dividam a turma em duas equipes, conforme a demanda de participantes presentes e que cada equipe será representada por uma cor, exemplo: equipe 1: amarelo e equipe 2: vermelho. Em seguida, os alunos e alunas formarão duas filas. Após, os licenciandos e licenciandas farão o primeiro sorteio de perguntas, bem como o sorteio da cor da equipe que iniciará o jogo. Assim, ficará a função do primeiro participante da fila responder à pergunta.

É importante que o(a) mediador(a) ressalte aos licenciandos e as licenciandas que todas as orientações do jogo, entre elas a de que mesmo sendo o primeiro participante da fila que responderá à questão, os demais participantes do grupo poderão, de forma silenciosa, ajudá-lo a respondê-la. Assim, se a equipe conseguir responder à questão que estará sendo indagada no jogo, de forma correta, a equipe pontua. Caso contrário, a equipe adversária poderá, em uma única tentativa, responder a charada interrogada.

Desse modo, uma pergunta será direcionada a uma equipe e em seguida a outra equipe. O placar de acertos por equipe será contabilizado pelos licenciandos e licenciandas. É importante ressaltar aos licenciandos e licenciandas que embora o jogo traga como resposta os nomes científicos do corpo humano, os alunos e alunas poderão responder à pergunta utilizando os apelidos desses órgãos. Exemplo: chamar as nádegas de bumbum, a vagina de perereca, entre outros. Isso decorre pelo fato de que os alunos e alunas ainda estarão no processo de aprendizado das nomenclaturas corretas, por isso, poderão ser considerados os apelidos como respostas, desde que estejam se referindo adequadamente ao órgão sugerido pela charada.

Quadro 7 - Orientações e regras do jogo

1. Poderão participar do jogo todas as pessoas interessadas em aprender brincando;
2. O número de participantes poderá variar de acordo com o interesse dos envolvidos pelo jogo. O número de jogadores deverá ser dividido em duas equipes e, cada conjunto, deverá escolher uma cor para representá-lo;
3. Somente serão considerados participantes aqueles que respeitarem os companheiros da equipe adversária;
4. Antes de iniciar o jogo as fichas-respostas deverão ser embaralhadas e escolhidas aleatoriamente;
5. Cada equipe deverá eleger uma pessoa para responder as perguntas ao longo do jogo;

6. A equipe que for responder à pergunta deverá tocar a campainha que estará posicionada no centro das equipes;
 7. Caso a equipe não saiba a resposta o tempo será calculado por meio de uma ampulheta;
 8. A cada resposta correta a equipe computa um ponto. Se o participante errar a resposta, o placar continua o mesmo e não há punição;
 9. A equipe que tiver mais pontos será considerada a líder;
 10. Em caso de empate, as duas equipes serão consideradas líderes;
 11. O jogo poderá ter ou não premiação. Este fator dependerá do mediador do jogo.
- Sugere-se que antes de iniciar o jogo sejam trabalhados conteúdos voltados para as diferenças e as semelhanças nas relações de gênero, do ponto de vista psicológico, biológico e comportamental, bem como a higiene, para que haja um maior aproveitamento e interesse pela brincadeira. Bom aprendizado e divertimento!

Fonte: Moreira (2015)

Quadro 8 - Perguntas e respostas do jogo

- Pergunta:** 1) Posso ser curto ou comprido, liso ou crespo, escuro ou claro. Quem sou?
- Resposta:** Cabelo.
- Pergunta:** 2) Sou pequena. Estou acima dos olhos. Às vezes sou fina e as vezes mais larga. Sirvo de proteção para evitar poeiras. Sou a?
- Resposta:** Sobrancelha.
- Pergunta:** 3) Posso ser claro ou escuro. Estou sempre em movimento. Às vezes uso lente de aumento. Sou o?
- Resposta:** Olho.
- Pergunta:** 4) Logo percebo quando algum cheiro não me agrada. Quem sou?
- Resposta:** Nariz.
- Pergunta:** 5) Meu tamanho é proporcional ao meu rosto. Às vezes gostam de me colorir. É por onde me alimento. Sou a?
- Resposta:** Boca.
- Pergunta:** 6) Sou um órgão muscular relacionado ao paladar. Tenho duas principais funções. Sentir o sabor dos alimentos e também para falar. Sou a?
- Resposta:** Língua.
- Pergunta:** 7) Percebo movimentos calmos e ruídos mais barulhentos. Tenho uma irmã gêmea. Quem sou?
- Resposta:** Orelha.
- Pergunta:** 8) Sou um visual para homens. Meu formato pode ser quadrado, arredondado ou tracinho. Quando estou crescendo eu posso pinicar e coçar um pouquinho. Posso ser de várias cores. Quem sou?
- Resposta:** Barba ou bigode.
- Pergunta:** 9) Às vezes as pessoas me enfeitam com colares ou correntes pequenos ou grandes. Meu nome rima com osso. Quem sou?
- Resposta:** Pescoço.
- Pergunta:** 10) Eu me movimento quando não me importo com alguma coisa. Tem uma música da Xuxa que usa o meu nome. Ela começa assim: Cabeça, joelho e pé. Joelho e pé. Cabeça, joelho e pé. Quem sou?
- Resposta:** Ombro.
- Pergunta:** 11) Sou parte íntima do corpo masculino e/ou feminino. Fico posicionado perto dos pulmões e coração. Sou o?
- Resposta:** Peito/ Seio/ Mama.
- Pergunta:** 12) Sou enrugado e um pouco desidratado. Tem gente que me apoia na mesa com frequência. Muitos usam meu nome quando dizem.. está com dor de... ?
- Resposta:** Cotovelo.
- Pergunta:** 13) Posso fazer muitas coisas ao mesmo tempo como, por exemplo, acenar, segurar, apertar ou pegar. Sou a?
- Resposta:** Mão.
- Pergunta:** 14) Somos vinte no total. Nove vivem no Norte do meu corpo e dez vivem mais para baixo, na região Sul. Eles tem apelidos. Um deles é mindinho e o outro seu vizinho. Quem sou?
- Resposta:** Dedos.

Pergunta: 15) Sou bem pequenininha e preciso estar sempre bem curtinha e limpinha. Fico posicionada sobre o dedo. Algumas pessoas gostam de me enfeitar, de colorir. Quem sou?

Resposta: Unha.

Pergunta: 16) Meu formato é circular. Pareço uma bola. Em mim moram os sentidos da visão (olhos), olfato (cheiro), audição (som) e paladar (toque). Quem sou?

Resposta: Cabeça.

Pergunta: 17) Sou comprido e estou sempre me movimentado. Ajudo as mãos a alcançar os objetos no alto e também os que estão mais embaixo. Sou o?

Resposta: Braço.

Pergunta: 18) Sou uma parte do corpo que fica posicionada na região central. Umas são mais cheinhas e outras são mais sequinhas. Popularmente chamam de tanquinho. Sou a?

Resposta: Barriga.

Pergunta: 19) Sou a parte íntima do corpo masculino. Meu nome rima com tênis. Sou o?

Resposta: Pênis.

Pergunta: 20) Sou a parte íntima do corpo feminino. Meu nome rima com menina. Sou a?

Resposta: Vagina.

Pergunta: 21) Sou um órgão de locomoção. Vou para lá e para cá até cansar. Posso ser longa ou curtinha. Vai depender se a pessoa for alta ou pequenininha. Quem sou?

Resposta: Perna.

Pergunta: 22) Posso dobrar e esticar. Sou meio quadradinho e fico posicionado no meio da perna. Quem sou?

Resposta: Joelho.

Pergunta: 23) Sou o meio de locomoção do corpo humano. Sustento o corpo todo. Quanto mais vou crescendo, maior o número do meu sapato. Quem sou?

Resposta: Pé.

Pergunta: 24) Sou uma pequena parte do corpo de onde sai o pum. Sou o?

Resposta: Ânus.

Pergunta: 25) Ficamos na parte de trás do corpo. Embaixo das costas e acima das pernas. Temos duas curvas. Às vezes nos chamam de bumbum. Somos as?

Resposta: Nádegas.

Pergunta: 26) Sou bem pequenininho e tenho algumas curvinhas. Fico posicionado mais ou menos no meio da barriga. Sou o?

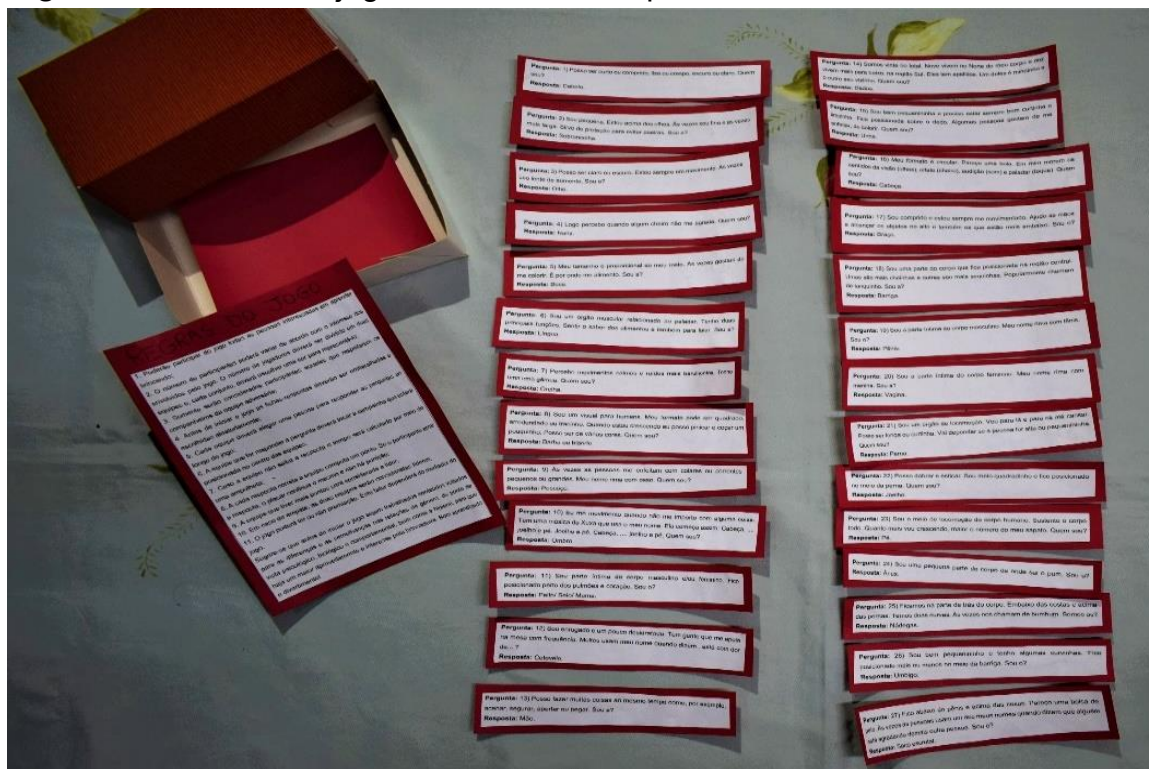
Resposta: Umbigo.

Pergunta: 27) Fico abaixo do pênis e acima das coxas. Pareço uma bolsa de pele. Às vezes as pessoas usam um dos meus nomes quando dizem que alguém está agradando demais outra pessoa. Sou o?

Resposta: Saco escrotal.

Fonte: Moreira (2015)

Figura 30 - Modelo do jogo “charadas do corpo humano”



Fonte: a autora

GOOGLE CLASSROOM - VÍDEO: O QUE É TRABALHAR GÊNERO NAS ESCOLAS?

Após o encerramento do encontro, por meio do Google Meet, o(a) mediador(a) disponibilizará aos licenciandos e as licenciandas um vídeo intitulado “O que é trabalhar Gênero nas escolas?” produzido Figueiró (2017), no Google Classroom. Neste vídeo, Figueiró (2017) conceitua Gênero e algumas possibilidades de abordagem da temática na escola.

A descrição do vídeo, disponível no canal do Youtube de Mary Neide Figueiró, apresenta: “Neste vídeo, vamos esclarecer o que é trabalhar Gênero nas escolas. Convido você a refletir comigo sobre este tema”. Em seguida, o(a) mediador(a) solicitará aos licenciandos e licenciandas para que respondam uma questão escrita referentes às questões de Gênero, atrelada à formação inicial de seu curso de licenciatura.

Quadro 9 - Atividade escrita

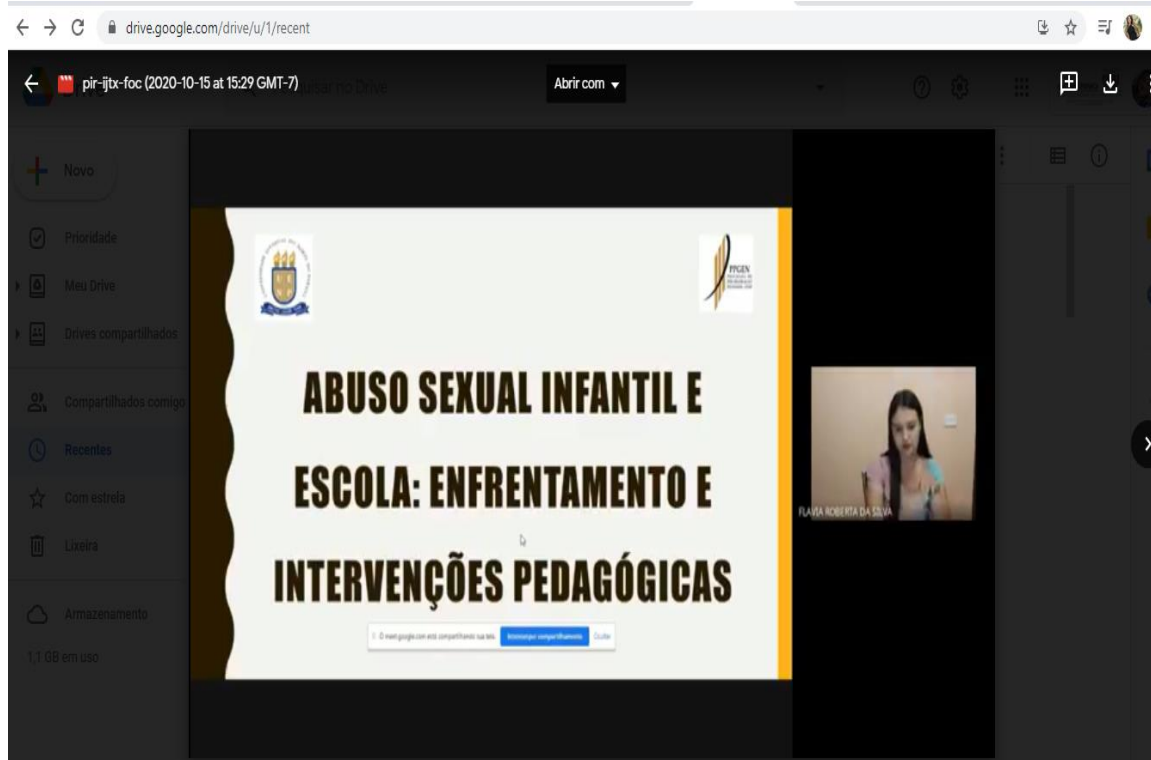
Por meio do vídeo (FIGUEIRÓ, 2017) assistido, o que você compreendeu por binarismo de gênero? Você estudou as questões de Gênero no curso de Pedagogia? Justifique sua resposta.

Fonte: a autora

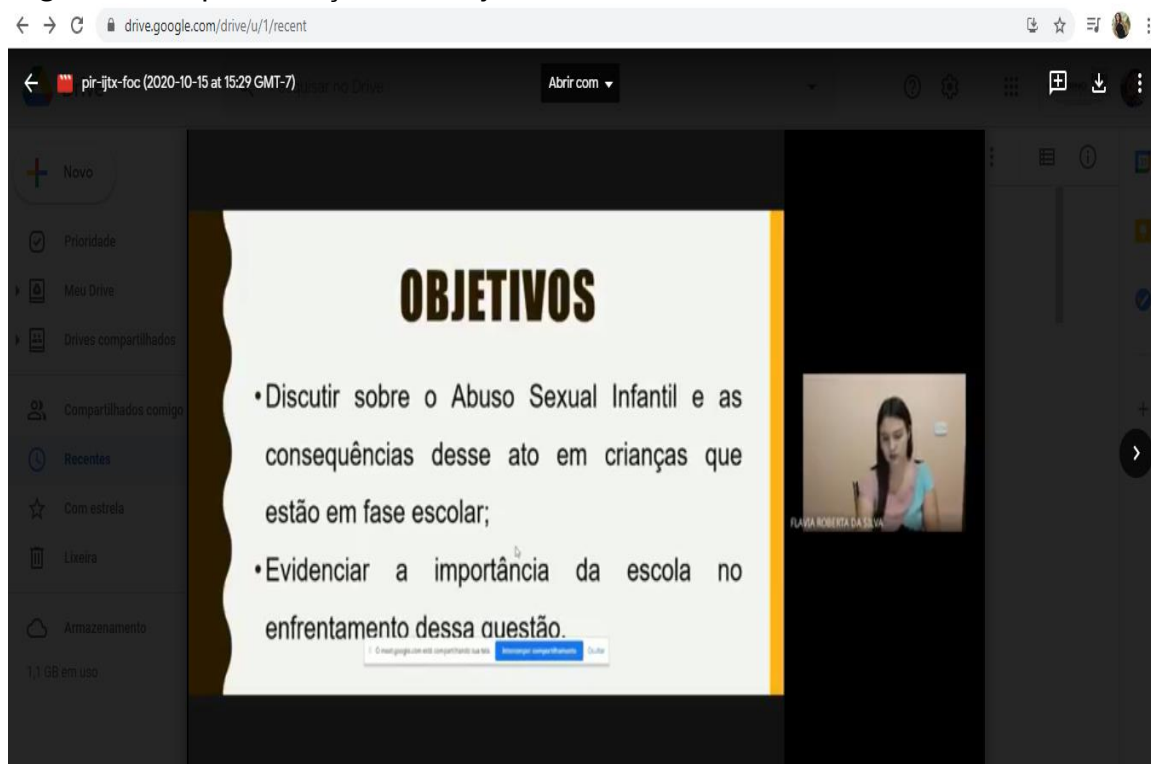
Após os licenciandos e as licenciandas responderem à questão disponibilizada no Google Classroom, o(a) mediador(a) apresentará pelo mesmo local, a leitura que será discutida por meio de apresentação de slides no próximo encontro. Nesse viés, o terceiro encontro abordará sobre o Abuso Sexual Infantil e, assim, o(a) mediador(a) disponibilizará o artigo escolhido, em formato digital, no Google Classroom.

ABUSO SEXUAL INFANTIL

Para iniciar este encontro o(a) mediador(a) iniciará o encontro abordando alguns conceitos de Abuso Sexual e, em seguida, apresentará por meio de slides o artigo “Abuso Sexual Infantil e Escola: enfrentamento e intervenções pedagógicas”, de Oliveira e Miranda (2013), evidenciando os objetivos, as principais formas de manifestação do Abuso Sexual Infantil e o papel da escola no enfrentamento dessa violência.

Figura 31 - Apresentação do artigo

Fonte: a autora

Figura 32 - Apresentação dos objetivos

Fonte: a autora

Figura 33 - Principais formas de abuso

The screenshot shows a Google Drive interface with a presentation slide titled "FORMAS DE ABUSO". The slide lists three types of abuse:

- **Intrafamiliar:** se existe um laço familiar ou uma relação de responsabilidade entre abusador e abusado;
- **Extrafamiliar:** se o abusador não possui laços familiares ou de responsabilidade com o abusado. Embora o abusador possa ser um desconhecido, na maioria das vezes ele é alguém que a criança ou o adolescente conhece e em quem confia;
- **Institucional:** diz-se do abuso sexual que ocorre em instituições governamentais e não-governamentais que são responsáveis por prover, para crianças e adolescentes, cuidados e proteção (abrigo).

The slide is part of a presentation titled "pir-ijt-foc (2020-10-15 at 15:29 GMT-7)". A video feed of a woman is visible in the bottom right corner of the presentation window.

Fonte: a autora

Figura 34 - Papel da escola em relação à temática

The screenshot shows a Google Drive interface with a presentation slide titled "PAPEL DA ESCOLA". The slide contains the following text:

• Identificar aspectos que demonstram que a criança está sofrendo algum tipo de abuso, pois assim, será possível encaminhá-la a especialistas que contribuirão para sua melhora (OLIVEIRA; MIRANDA, 2013).

The slide is part of a presentation titled "pir-ijt-foc (2020-10-15 at 15:29 GMT-7)". A video feed of a woman is visible in the bottom right corner of the presentation window.

Fonte: a autora

Este artigo aponta as consequências do Abuso Sexual em crianças em fase escolar e enfatiza a importância da escola no enfrentamento desta questão. Além disso, o artigo ressalta a importância do trabalho da Educação Sexual como medida de enfrentamento e proteção a situações de Abuso ou Violência Sexual.

DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES PRÁTICAS

Após a apresentação das definições de Abuso Sexual e do artigo anteriormente citado, é importante que o(a) mediador(a), como forma de contribuir com a futura prática pedagógica dos licenciandos e das licenciandas, apresente algumas atividades práticas referentes à Educação Sexual.

Assim, o mediador(a) apresentará aos licenciandos e licenciandas, a sugestão de duas atividades relacionadas à temática Abuso Sexual Infantil. Recomendamos a aplicação destas atividades com alunos e alunas da EI e anos iniciais do EF.

O MAIOR TESOURO

Figura 35 - Apresentação da atividade



Fonte: a autora

Figura 36 - Apresentação da atividade



Fonte: a autora

A primeira atividade, intitulada **“O maior tesouro”**, tem por objetivo despertar nos licenciandos e licenciandas, a importância de demonstrar o valor único que cada criança tem e como elas devem cuidar de seu corpo, bem como prevenir, por meio de contação de história, incidências de Abusos e Violências Sexuais na infância.

Para esta atividade será importante a utilização de uma caixinha com tampa, mini espelho, cola e livro “Meu corpo, meu corpinho¹⁶”. À vista disso, o(a) mediador(a) deverá apresentar esta atividade aos licenciandos e as licenciandas e sugerir aos mesmos que ela seja aplicada com alunos e alunas da EI (Jardim A), da seguinte forma:

Para a realização da atividade, o(a) mediador(a) aconselhará os licenciandos e licenciandas a decorarem caixinhas com tampas que pareçam um baú de um tesouro. Na parte interna da tampa, os licenciandos, deverão colar um espelho, de forma que quando seus os alunos e alunas abrirem a caixinha consigam ver a sua imagem refletida.

Inicialmente, o(a) mediador(a) explicará aos licenciandos e as licenciandas que eles deverão iniciar a aula dialogando aos seus alunos que a atividade consiste em encontrar um tesouro muito valioso. À vista disso, os licenciandos e as licenciandas perguntarão aos alunos se eles sabem o que é um tesouro.

Após ouvir as respostas dos mesmos, os licenciandos e licenciandas explicarão aos alunos e alunas que um tesouro é algo muito raro e precioso e que deve ser cuidado com muito carinho. Deste modo, os alunos e as alunas tentarão decifrar o que tem dentro das caixinhas, sugerindo possíveis objetos que possam encontrar ali dentro. Em seguida, os licenciandos e as licenciandas permitirão para que os alunos e as alunas abram as caixinhas e, ao abrirem, verão a sua imagem refletida.

Posteriormente, os licenciandos e licenciandas explicarão aos mesmos que o tesouro precioso são eles e que, por isso, devem cuidar de seus corpinhos, principalmente das partes íntimas, composta pelo pênis, vulva, vagina e seios, não deixando que as pessoas toquem nesses locais.

¹⁶ Para quem não encontrar o livro físico, poderá utilizar o vídeo disponível no canal do Youtube “Leitura com o tio Tatá”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=y10MqRSMBss>

E como forma de reforçar o diálogo sobre o cuidado que devemos ter com nosso corpo, o(a) mediador(a), sugerirá os licenciandos e as licenciandas a apresentarem aos alunos e alunas o livro “Meu corpo, meu corpinho” de Mendonça e Meireles (2019).

Este livro aborda, de forma lúdica e didática, o cuidado que as crianças devem ter com as suas partes íntimas como forma de prevenção do Abuso Sexual. “Trata-se de um livro alegre, bonito e leve para tratar de assuntos de extrema relevância, integridade física, privacidade e proteção” (MENDONÇA; MEIRELES, 2019). Para realização desta atividade em sala de aula, estima-se uma hora de duração.

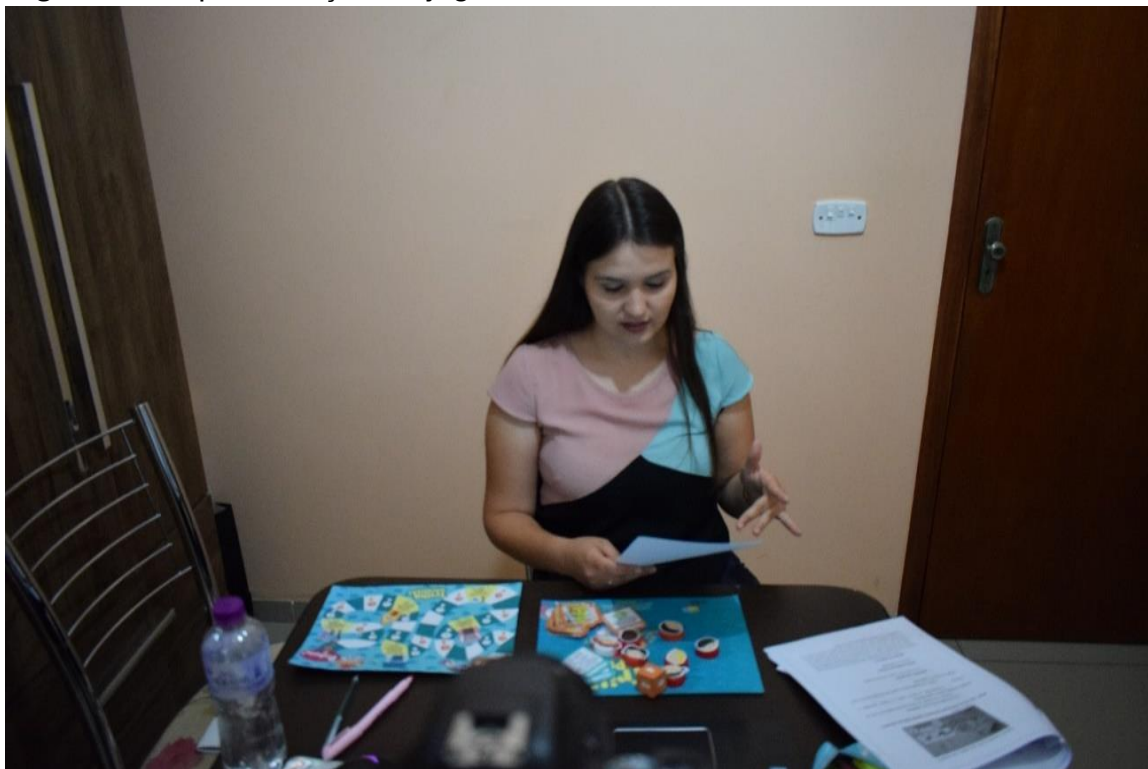
Figura 37 - Modelo de caixinha com espelho e livro “Meu corpo, meu corpinho”



Fonte: a autora

JOGO: TRILHA DA PROTEÇÃO CONTRA O ABUSO SEXUAL INFANTIL

Figura 38 - Apresentação do jogo



Fonte: a autora

A segunda atividade, nomeada **“Jogo: trilha da proteção contra o Abuso Sexual Infantil”**, tem como objetivos conscientizar os licenciandos e licenciandas acerca da importância de abordar a prevenção ao Abuso Sexual Infantil por meio de contação de história lúdica e jogo dinâmico, além de conscientizar os alunos e alunas dos anos iniciais do EF, sobre os toques permitidos e proibidos.

Para a realização dessa atividade é necessário o livro “Pipo e Fifi” e o Jogo Trilha da Proteção¹⁷. Assim, o(a) mediador(a) apresentará esta atividade aos licenciandos e as licenciandas e irá sugerir que eles apliquem a mesma, com alunas e alunos dos anos iniciais do EF (3º ano), de seguinte forma:

Para iniciar esta atividade, o(a) mediador(a) deverá apresentar aos licenciandos e licenciandas a história infantil nomeada: Pipo e Fifi e o referido jogo e, em seguida, orientá-los sobre a forma como deverão abordar a atividade com seus alunos e alunas.

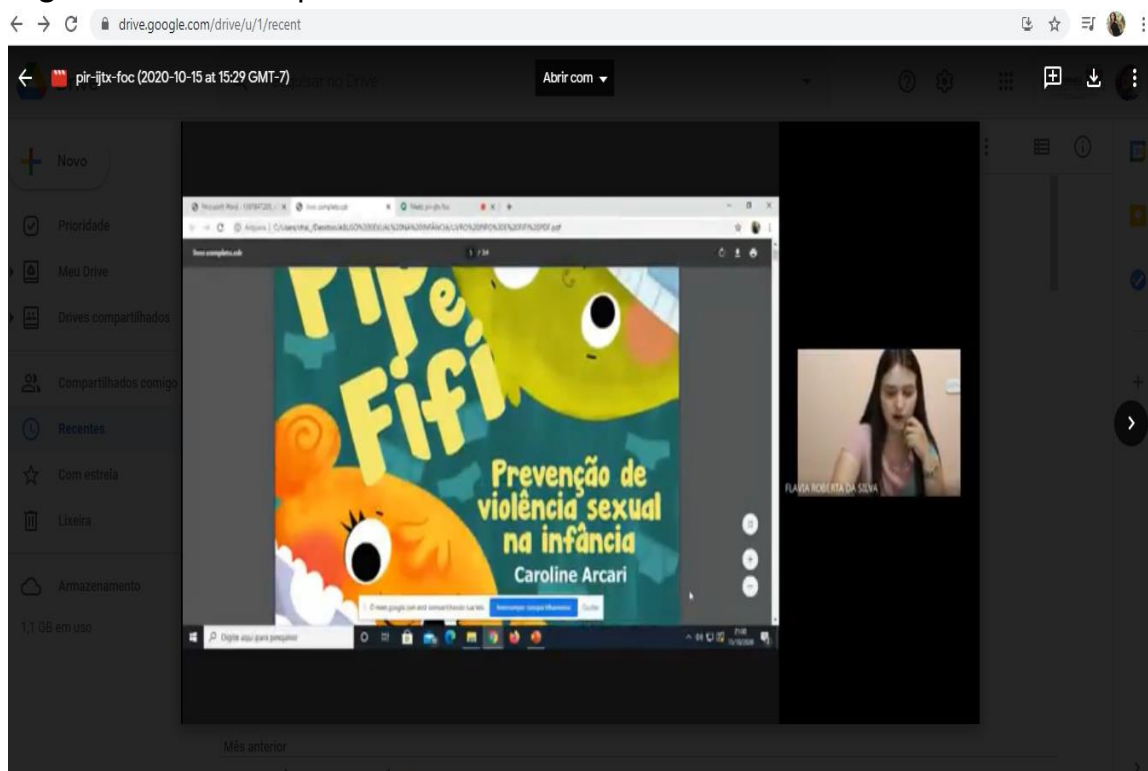
¹⁷ Ambos se encontram disponíveis em <https://www.pipoefifi.org.br/publicacoes-gratuitas?fbclid=IwAR3HVCmXprriXN9Lgxx5DwsaO9mKs2FzDmC5C58TRwnNqkXaCjVCZj1rRU>.

O(a) mediador(a) orientará os licenciandos e as licenciandas de que o livro é uma ferramenta de proteção contra o Abuso Sexual Infantil. Nele, a autora Arcari (2018) ensina de forma lúdica, por meio das falas dos monstros Pipo e Fifi, quais são os toques do sim e do não, como forma de proteção ao Abuso Sexual Infantil. Este livro aborda os nomes científicos, bem como os apelidos das partes íntimas e pode ser trabalhado com crianças a partir de quatro anos de idade.

Desse modo, o(a) mediador(a) orientará os licenciandos e licenciandas de que, antes de apresentar o jogo aos alunos, eles deverão contar a história do livro. Após a contação de história, os licenciandos e licenciandas poderão iniciar o jogo, que é parte integrante do livro Pipo e Fifi. O jogo é destinado para crianças a partir de seis anos de idade. Ademais, é fundamental a mediação de um adulto preparado e que conheça claramente as instruções e regras do jogo (MAYER, 2017).

O jogo contém um guia destinado aos professores para desenvolvimento do jogo com seus alunos. A seguir, apresentaremos o jogo Trilha da Proteção.

Figura 39 - Livro “Pipo e Fifi”



Fonte: Google Meet

Figura 40 - Capa do Jogo



Fonte: Arcari, Costa e Schervenski (2016)

Figura 41 - Instruções e Regras do jogo Trilha da Proteção

Instruções

Quantidade de jogadores: 2 a 8 crianças (ou de 2 a 8 grupos)

Indicação de faixa etária: a partir dos 6 anos

Duração do jogo: de 20 a 30 minutos

Este jogo é um recurso a ser utilizado após a leitura do livro PIPO E FIFI: prevenção de violência sexual para crianças. A partir dos conhecimentos construídos por meio da leitura do livro, esse jogo auxilia na organização do pensamento quanto aos conceitos de TOQUE DO SIM e TOQUE DO NÃO, busca de ajuda, identificação de situações de perigo e identificação de uma pessoa de confiança quando necessidade de ajuda.

Objetivo

O objetivo do jogo é que a criança desenvolva conceitos e atitudes de proteção, auxiliando a diminuição da vulnerabilidade à violência sexual por meio da informação, do conhecimento do corpo, da busca de ajuda e da comunicação.

Como jogar

Atenção: Para crianças de 6 a 8 anos, utilizar somente as cartas de perguntas ALARANJADAS pois apresentam conceitos mais simples e estão vinculadas às ilustrações do livro. Para crianças a partir de 9 anos, utilizar as cartas de perguntas ALARANJADAS e VERDES, pois acrescentam conceitos mais abstratos.

A dinâmica é bem simples:

- 1) Cada jogador joga o dado na sua vez da rodada e move as peças de acordo com o número obtido. Dois jogadores podem ocupar a mesma casa.
- 2) Ao chegar na casa, o adulto deve ler e ajudar a criança a cumprir a ação descrita na casa. Pontos de interrogação se referem às cartinhas que devem ser respondidas. Se não houver texto na casa, apenas se permanece na casa onde parou.
- 3) Se o jogador parar numa casa de pergunta, deve tirar uma carta da pilha. O adulto lê o enunciado para a criança responder. Cada resposta certa significa que ele poderá avançar na próxima rodada. Se a resposta estiver errada, o jogador ficará na casa de pergunta e retirará uma nova carta na próxima rodada ao invés de jogar o dado.
- 4) As cartas alaranjadas contendo ilustração são para a criança responder se a imagem se refere ao toque do sim ou ao toque do não.
- 5) As casas-curinga fazem avançar 3 casas: CONSELHO TUTELAR, DISQUE 100, ESCOLA, DELEGACIA, PESSOA DE CONFIANÇA
- 6) Está protegido quem chegar na última casa, a PROTEÇÃO.

Atenção: esse não é um jogo competitivo. Não existe ganhador. Todos os jogadores devem chegar na proteção. Alguns chegarão com mais rapidez do que outros, o que não significa que haja um ganhador ou perdedor. Na vida, cada um tem seu tempo também. Dessa forma, o adulto deve facilitar a percepção da criança sobre esse conceito.

Qualquer dúvida sobre esse material, entre em contato:

www.pipoefifi.com.br

Fonte: Arcari, Costa e Schervenski (2016)

O(a) mediador(a) deverá orientar os licenciandos e as licenciandas que este jogo tem como objetivo principal que as crianças compreendam as concepções e comportamentos preventivos contra o Abuso Sexual.

Figura 42 - Molde dos personagens e do dado que será utilizado no jogo



Fonte: Arcari, Costa e Schervenski (2016)

Figura 43 - Tabuleiro do jogo



Fonte: Arcari, Costa e Schervenski (2016)

Figura 44 - Cartas/perguntas do jogo



Fonte: Arcari, Costa e Schervenski (2016)

Figura 45 - Cartas/perguntas do jogo



Fonte: Arcari, Costa e Schervenski (2016)

Figura 46 - Modelo de jogo trilha da proteção montado



Fonte: a autora

O(a) mediador esclarecerá aos licenciandos e licenciandas que, no caso de os alunos e alunas pararem nas casas-coringas, não há necessidade que eles respondam as perguntas das cartas. Assim, o aluno poderá avançar três casas e esperar a sua vez de jogar. Ademais, se o aluno parar em uma casa destacada, poderá andar três casas na próxima rodada (MAYER, 2017).

Por fim, é importante evidenciar aos licenciandos e as licenciandas que é muito importante que eles deixem claro aos alunos e as alunas que este não é um jogo competitivo. Não existe um ganhador, pois todos irão chegar ao final do jogo, nomeado de proteção.

GOOGLE CLASSROOM - VÍDEO: ABUSO SEXUAL: AS CONSEQUÊNCIAS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Após o término do encontro por meio do Google Meet, o(a) mediador(a) disponibilizará aos licenciandos e licenciandas um vídeo, intitulado “Abuso Sexual: as consequências para crianças e adolescentes”, de Figueiró (2019), no Google Classroom.

Este vídeo encontra-se disponível no canal do Youtube de Mary Neide Figueiró e, em sua descrição consta: “Neste vídeo, falo sobre os principais sinais que indicam que uma criança ou um(a) adolescente está sofrendo abuso. Também aponto as principais consequências deste tipo de violência. Venha refletir comigo sobre este tema”.

Em seguida, será solicitado aos licenciandos e as licenciandas para que respondam uma questão escrita referentes ao Abuso Sexual, atrelada à formação inicial de seu curso de licenciatura.

Quadro 10 - Atividade escrita

Por meio do vídeo (FIGUEIRÓ, 2019) assistido, na sua opinião, é importante que o(a)s professore(a)s tenham uma formação referente ao Abuso Sexual? Justifique sua resposta.

Fonte: a autora

Após os licenciandos e licenciandas responderem à questão disponibilizada no Google Classroom, o(a) mediador(a) apresentará, pelo mesmo local, a leitura que será discutida, por meio de apresentação de slides, no próximo encontro. Desse modo, considerando que o terceiro encontro abordará a relação entre a família e a escola na Educação Sexual, o(a) mediador(a) o capítulo de livro selecionado para a abordagem da temática.

RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO SEXUAL

O quarto encontro será destinado à abordagem da temática relação família e escola na Educação Sexual. À vista disso, para iniciar este encontro sugerimos que seja abordado um capítulo de livro nomeado “Interação família-escola na Educação Sexual: reflexões a partir de um incidente” de Anami e Figueiró (2009), com o objetivo de indicar aos licenciandos e licenciandas algumas maneiras de estabelecer esta relação e refletir sobre alguns incidentes ocorridos ao longo dos anos em escolas brasileiras em relação à abordagem da Educação Sexual.

Figura 47 - Apresentação do capítulo de livro

Fonte: Google Meet

O capítulo apresenta alguns incidentes relacionados à Educação Sexual que marcaram vários ambientes escolares. Também aborda a importância de a escola e a família serem unidas em prol no ensino da Educação Sexual.

DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADE PRÁTICA

Após a apresentação do capítulo de livro anteriormente citado, sugerimos que o(a) mediador(a), como forma de contribuir com a futura prática pedagógica dos licenciandos e das licenciandas, apresente uma atividade prática referente à Educação Sexual, a qual pode contribuir com a interação entre a família e a escola.

CAIXINHA DAS CURIOSIDADES

Figura 48 - Apresentação da atividade



Fonte: a autora

Esta atividade é uma adaptação da Oficina: Educação Sexual orientações e estratégias, de Bertoldo (2013) e tem por objetivo a conscientização dos licenciandos e licenciandas acerca da importância da interação família e escola no ensino da Educação Sexual.

Para a realização dessa atividade é necessário a utilização somente de uma caixinha decorada, papel e caneta. À vista disso, recomendamos a aplicação desta atividade com alunos e alunas dos anos iniciais do EF (4ºano), da seguinte forma:

Para que a atividade seja realizada, sugerimos que o(a) mediador(a) explique aos licenciandos e as licenciandas que eles deverão utilizar uma caixinha que tenha uma abertura e solicitarão que os alunos e as alunas escrevam algumas perguntas, podendo ser dúvidas, curiosidades, entre outros, em relação à sexualidade.

Sugerimos que o(a) mediador explique aos licenciandos e licenciandas que, em seguida, irão analisar as perguntas, dúvidas e curiosidades dos seus alunos e, se possível, agendar uma reunião com as famílias destes, de forma a apresentar anonimamente as dúvidas que os alunos e alunas possuem

em relação à Educação Sexual, valorizando assim a relação família e escola. Estes diálogos são importantes para que a família se sinta responsabilizada em abordar os conteúdos sobre sexualidade com seus filhos.

É oportuno ressaltar que as perguntas realizadas pelos alunos e pelas alunas não serão identificadas e, posteriormente, serão respondidas pelos licenciandos e pelas licenciandas, de forma lúdica e científica, saciando as indagações e curiosidades dos alunos e das alunas.

Figura 49 - Modelo da caixinha das curiosidades



Fonte: a autora

GOOGLE CLASSROOM - VÍDEO: A EDUCAÇÃO SEXUAL É PAPEL DA ESCOLA OU DA FAMÍLIA?

A final deste encontro, sugerimos que o(a) mediador(a) insira no Google Classroom, o vídeo nomeado “A Educação Sexual é papel da escola ou da família?”, de Figueiró (2017). Em sua descrição, disponível no canal do Youtube de Mary Neide Figueiró, consta: “No vídeo de hoje, vamos discutir a quem pertence o papel da Educação Sexual. Na sua opinião, é papel da escola ou da família? Convido você a refletir comigo sobre este tema!”

Após a apresentação do vídeo, sugerimos que o(a) mediador(a) disponibilize no Google Classroom, uma atividade escrita referente à temática estudada.

Quadro 11 - Atividade escrita

Por meio do vídeo (FIGUEIRÓ, 2017) assistido, na sua opinião, qual é o papel da escola e do(a)s professor(a)s no trabalho com a Educação Sexual?

Fonte: a autora

ENCONTRO DE CONCLUSÃO DO CURSO

Sugerimos que o(a) mediador(a) utilize o quinto encontro para sanar possíveis dúvidas e questionamentos que poderão surgir por parte dos licenciandos e licenciandas. Desse modo, esse encontro é oportuno para retomar as propostas e temáticas estudadas nos quatro encontros anteriores.

Sugerimos que o(a) mediador solicite aos licenciandos e licenciandas uma atividade de conclusão do curso, nomeada “Eu penso, eu sinto”.

Quadro 12 - Atividade final

- 1) Quando reflito sobre os conhecimentos formativos possibilitados na Universidade acerca da Educação Sexual
Eu penso: _____
Eu sinto: _____
- 2) Quando eu reflito sobre os conhecimentos disciplinares (conteúdos e disciplinas referentes a sexualidade humana)
Eu penso: _____
Eu sinto: _____
- 3) Quando eu reflito sobre os conhecimentos curriculares (discursos, métodos e objetivos sobre sexualidade humana) que eu posso aprender e aplicar em sala de aula, por meio de programas escolares
Eu penso: _____
Eu sinto: _____
- 4) Quando eu reflito sobre os conhecimentos experienciais: (vivências e experiências) relacionadas a sexualidade humana) as quais posso me deparar em sala de aula
Eu penso: _____
Eu sinto: _____

Fonte: a autora

Para finalizar, sugerimos que o(a) mediador(a) solicite aos licenciandos e as licenciandas a realização de uma avaliação do curso de

formação em Educação Sexual, como forma de avaliar o aproveitamento do curso e possíveis sugestões para melhoria do mesmo.

Quadro 13 - Modelo de avaliação do curso de formação em Educação Sexual

- 1- Nome completo:
- 2- CPF:
- 3- E-mail:
- 4- O curso atendeu suas expectativas e necessidades formativas? Justifique sua resposta.
- 5- Qual temática mais chamou a sua atenção?
- 6- De que forma a temática acima selecionada contribuiu com a sua formação inicial? Justifique sua resposta.
- 7- Pretende utilizar os ensinamentos recebidos em sua prática docente? Se sim, como intenciona fazer isso?
- 8- Como você avalia a qualidade dos materiais utilizados no curso?
- 9- Deixe suas sugestões para melhoria do curso!

Fonte: a autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Produção Técnica Educacional apresentada buscou, por meio de seu referencial teórico e das sugestões de atividades e jogos, proporcionar um material teórico-metodológico para licenciandos e licenciandas do curso de Pedagogia ou de qualquer outra licenciatura.

Convidamos a todos e a todas que que desejarem se apropriar dos resultados desta pesquisa, a realizarem a leitura da dissertação intitulada: A Educação Sexual e o curso de Pedagogia: uma proposta introdutória para licenciandos e licenciandas, a qual encontra-se disponível em <http://www.uenp.edu.br/mestrado-ensino>.

Em relação a dinâmica dos encontros, buscamos favorecer um ambiente envolvente, indicando formas dos futuros e futuras professores discutirem a temática com alunos e alunas da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

Apesar das limitações decorrentes da Covid-19, bem como de ser um curso introdutório e de curta duração, ficamos muito satisfeitos com o desfecho do mesmo, pois foi possível sensibilizar os licenciandos e as licenciandas que participaram do curso, a respeito do papel da escola e dos professores na abordagem da Educação Sexual.

Esperamos que nossa proposta seja satisfatoriamente utilizada por licenciandos, licenciandas, professores e professoras que manifestarem desejo e necessidade de abordar a temática da Educação Sexual e sexualidade com alunos e alunas da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

- A EDUCAÇÃO sexual é papel da escola ou da família?. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (12 min). Publicado pelo canal Mary Neide Figueiró. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WkmYVr5UGus>. Acesso em: 15 abril. 2019.
- ABRAMOVAY, M; CASTRO, M. C; SILVA, L. B. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- ALTMANN, H. Sobre a educação sexual como um problema escolar. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2006.
- ANAMI, L. F; FIGUEIRÓ, M. N. D. Interação família-escola na Educação Sexual: reflexões a partir de um incidente. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009, p. 87-112.
- ARCARI, C. **Pipo e Fifi: prevenção de violência sexual para crianças**. Rio Verde Goiás: Cores, 2018.
- BARTACEVICIUS, D. M. M; MIRANDA, M. A. G. C. Formação de professores para a prática de educação sexual nas escolas: uma reflexão a partir do pensamento docente. **Sisyphus Journal of Education**. v. 7. n. 3, p.156-178, 2019.
- BENITES, M. J. O. **Educação sexual e formação docente: um estudo a partir de concepções docentes**. 2006. 120f. (Dissertação de mestrado) – Universidade Regional de Blumenau (FURB). Blumenau, 2006.
- BERTOLDO, J. **Oficina: Educação Sexual orientações e estratégias**, 2013. Disponível em: <https://jucienebertoldo.com/2013/05/12/oficina-educacao-sexual-orientacoes-e-estrategias/>. Acesso em: 25 fev. 2020.
- BONFIM, C. **Desnudando a educação sexual**. Campinas: Papirus, 2012.
- BONFIM, C. **Educação sexual e formação de professores: da educação sexual que temos à educação que queremos**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.
- CARVALHO, F. A. Que saberes sobre sexualidade são esses que (não) dizemos dentro da escola?. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org). **Educação Sexual: em busca de mudanças**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009b.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites**. 2001. 317f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.
- _____. Abuso sexual infantil: como fazer a prevenção, “pra valer”!. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: saberes essenciais para quem educa**. Curitiba: CRV, 2018.

_____. **Educação sexual**: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009.

_____. **Educação Sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 3. ed. rev. e atual. Londrina: EDUEL, 2010.

_____. **Educação sexual**: saberes essenciais para quem educa. Curitiba: CRV, 2018.

_____. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. 2. ed. Londrina: EDUEL, 2014.

_____. Interação família-escola na educação sexual. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual**: saberes essenciais para quem educa. Curitiba: CRV, 2018. FIGUEIRÓ, M. N. D.

FRASSON-COSTA, P. C. **Os patamares de adesão das escolas à Educação Sexual**. 2012. 305 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade São Paulo, São Paulo, 2012.

HABIGZANG, L.F; RAMOS, M. S; KOLLER, S. H. A revelação de abuso sexual: as medidas adotadas pela rede de apoio. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 4, p. 467-473, 2011.

JOCA, A. M; SANTOS, E. Educação sexual na educação infantil: questões conceituais e empíricas para a pedagogia. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”, n. 5, 2020, São Cristóvão. **Anais [...]**. São Cristóvão: EDUCOM, 2020. p. 1-16.

LEÃO, A. M. C. **Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da Unesp-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos**. 2009. 343 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

LEITURA do livro Meu Corpo, Meu Corpinho! [S. l.: s. n], 2020. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Leitura com o tio Tatá. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y10MqRSMBss>. Acesso em: 08 abril. 2021.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MAIA, A. C. B *et al.* **Sem mais segredos**: Juju, uma menina muito corajosa. Rio de Janeiro: Minifoco, 2015.

MAISTRO, V. I. A. Desafios para a elaboração de projetos de educação sexual na escola. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org). **Educação Sexual**: em busca de mudanças. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009b. p. 35-62.

MELO, S. M. M. (Org). **Educação e sexualidade**. 2. ed. rev. Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.

MENDONÇA, R; MEIRELES. S. **Meu corpo, meu corpinho**. Curitiba: Editora Matrescência, 2019.

MEYER, F. **Análise do jogo “trilha da proteção” como auxiliar na diminuição da vulnerabilidade para a violência sexual infantil**. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2017.

MOREIRA, D.A.F. **Compreendendo a sexualidade infantil nas relações de gênero: o lúdico como estratégia educativa**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2015.

NEVES, A. S; CASTRO, G. B; HAYECK, C. M; CURY, D. G. Abuso sexual contra a criança e o adolescente: reflexões interdisciplinares. **Revista Temas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 99-101, 2010.

O QUE é abuso sexual?. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal Mary Neide Figueiró. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t9TVHm5wyw>. Acesso em: 10 mar. 2020.

O QUE é Educação Sexual?. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal Mary Neide Figueiró. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=l_YzXUrL6Ls. Acesso em: 30 jan. 2020.

O QUE é trabalhar gênero nas escolas?. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Mary Neide Figueiró. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HkpoDtPkkzc>. Acesso em: 05 fev. 2019.

OLIVEIRA, M. MIRANDA, A.C.T. Abuso sexual infantil e escola: enfrentamentos e intervenções pedagógicas. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. **Desafios atuais dos feminismos** [anais eletrônicos]. Florianópolis, 2013.

PLATT, V. B; BACK, I. C; HAUSCHILD, D. B; GUEDERT, J. M. Violência sexual contra crianças e adolescentes: autores, vítimas e consequências. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 4, p. 1019-1031, 2018.

REIS, T; EGGERT, E. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Revista Educação e Sociedade**, v. 38, n. 138, p. 1-28, 2017.

RIBEIRO, Marcos. **Menino brinca de boneca?** Conversando sobre o que é ser menino e menina. 4. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1990.

RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: BORTOLOZZI, A. C.; MAIA, A. F. (Org). **Sexualidade e infância**. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, 2005, p.17- 32.

SANTOS, L. S. Entendendo a construção social das diferenças de gênero. *In*: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org). **Educação sexual**: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009a, p. 1-11.

SILVA, R. D. **Educação Audiovisual da Sexualidade**: olhares a partir do kit anti-homofobia. 2015. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), Araraquara, 2015.

TARDIF, M. O trabalho docente, a pedagogia e o ensino: interações humanas, tecnologias e dilemas. **Cadernos de Educação**, n. 16, p. 15- 47, 2001.

TARDIF, M. RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, p. 73. p. 209-244, 2000.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIANNA, C; FINCO, D. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, p. 265-283, 2009.

VITOR, M; MAISTRO, V. I. A; ZÔMPERO, A. F. Educação para a sexualidade e formação inicial docente: uma investigação nos currículos de licenciatura em ciências biológicas. **Investigações em Ensino de Ciências**, n. 25, v. 1, p. 282-305, 2020.